USO DE MÉTODOS QUALITATIVOS NA VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PERSONALIDADE: CENÁRIO ATUAL E CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA NO MODELO CGF

Ana Cláudia Araújo da Cruz

Dissertação de Mestrado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre / RS
Abril, 2021

USO DE MÉTODOS QUALITATIVOS NA VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PERSONALIDADE: CENÁRIO ATUAL E CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA NO MODELO CGF

Ana Cláudia Araújo da Cruz

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia sob a orientação do professor Dr. Cláudio Simon Hutz e a coorientação do Professor Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre / RS
Abril, 2021

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E TABELAS 5

RESUMO 6

ABSTRACT 7

CAPÍTULO I 8

INTRODUÇÃO 8

A Hipótese Lexical e as Teorias Fatoriais da Personalidade 9

Os Cinco Grandes Fatores 10

Modelo proposto por Costa e McCrae (1992) 11

Neuroticismo (*Neuroticism / Emotional Stability*) 12

Extroversão (*Extraversion*) 13

Realização / Conscienciosidade (*Conscientiousness*) 15

Abertura (*Openness)* 16

Socialização / Amabilidade (*Agreeableness)* 18

Modelo CGF e o contexto brasileiro 20

CAPÍTULO II 23

ANÁLISE QUALITATIVA NA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS FUNDAMENTADOS NO MODELO CGF: REVISÃO SISTEMÁTICA 23

RESUMO 24

ABSTRACT 25

INTRODUÇÃO 26

MÉTODO 29

Fontes de informação e estratégia de busca 29

Critérios de elegibilidade 29

Seleção dos estudos e extração dos dados 29

Análise de qualidade 30

RESULTADOS E DISCUSSÃO 31

Considerações sobre o processo de construção de medidas 32

Considerações sobre o processo de adaptação de medidas 34

CONCLUSÃO 39
CAPÍTULO III 41
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO INICIAL DE UM INSTRUMENTO PARA MENSURAÇÃO DA PERSONALIDADE NO MODELO CGF 41
RESUMO 42
ABSTRACT 43
INTRODUÇÃO 44
Grupo Focal 46
Entrevista Cognitiva 47
Objetivo 48
MÉTODO 49
Construção dos itens 49
Análise de juízes 49
Análise semântica 50
Participantes 52
RESULTADOS 54
Construção dos itens 54
Análise de juízes 55
Análise semântica 56
DISCUSSÃO 65
CAPÍTULO IV 68
CONCLUSÃO 68
CONSIDERAÇÕES ÉTICAS 71
REFERÊNCIAS 72
ANEXO A 81
Referências de Estudos da Amostra 81
ANEXO B 83
Carta Enviada aos Juízes 83
ANEXO C 84

Instruções para Análise de Conteúdo.....84
ANEXO D 87
Formulário para Avaliação dos Itens. 87
ANEXO E.....88
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....88
ANEXO F 89
Questionário Sociodemográfico 89
ANEXO G 90
Parecer do comitê de ética 90

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 - Diagrama de Fluxo de Amostra.....30

Tabela 1 - Dados da Amostra.....53

Tabela 2 - Controle de Itens Excluídos em Cada Etapa da Análise.....54

Tabela 3 - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise de Juízes.....55

Tabela 4A - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Extroversão.....57

Tabela 4B - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Realização.....58

Tabela 4C - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Abertura.....59

Tabela 4D - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Socialização....60

Tabela 5A - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Extroversão.....61

Tabela 5B - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Realização.....61

Tabela 5C - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Abertura.....62

Tabela 5D - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Socialização....62

Tabela 6 - Exemplos de Itens Que Compõe o Protocolo Final.....63

Tabela 6 - Exemplos de Itens Que Compõe o Protocolo Final (Continuação).....64

RESUMO

Este trabalho comporta dois estudos distintos, que compartilham o interesse pelo uso de abordagens qualitativas como método de avaliação de evidências de validade na produção de instrumentos de mensuração na psicologia. O primeiro estudo apresenta uma revisão sistemática de literatura, que buscou investigar o uso desses procedimentos na construção de instrumentos fundamentados no modelo dos Cinco Grandes Fatores de personalidade, produzidos nos últimos cinco anos. Os resultados revelam que etapas qualitativas tidas como fundamentais pela literatura têm sido negligenciadas. O segundo estudo apresenta a construção e a busca de evidência de validade inicial para um novo instrumento de mensuração da personalidade, adequado para população de baixa escolaridade. Foram construídos 547 itens que foram submetidos à analises qualitativas, dando origem à um banco de 356 itens. A descrição do processo de forma pormenorizada fomenta reflexões sobre a relevância das abordagens qualitativas na construção de escalas de autorrelato.

Palavras-chave: Medidas de personalidade; Testes psicológicos; Cinco Grandes Fatores; Construção do teste; Validade do teste.

ABSTRACT

This work comprises two distinct studies that share the interest in using qualitative approaches as a method of evaluating evidence of validity in the production of measurement instruments in psychology. The first study presents a systematic literature review, which sought to investigate the use of these procedures in the construction of instruments based on the Five Factor Model, produced in the last five years. The results reveal that qualitative steps considered fundamental by the literature have been neglected. The second study presents the construction and search for evidence of initial validity for a new personality measurement instrument suitable for low education populations. 547 items were built and submitted to qualitative analysis, giving rise to a databank of 356 items. The detailed description of the process encourages reflections on the relevance of qualitative approaches in the construction of self-report scales.

Keywords: Personality measures; Psychological testing; Five Factor Model; Test Construction; Test Validity.

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

Possivelmente, as primeiras descrições explícitas registradas sobre a personalidade se encontram em textos escritos na Grécia Antiga. Um exemplo deste material é uma série de enquetes do filósofo grego Teofrasto, datada do século IV a.C, que descreve personagens com tipos clássicos como o 'bajulador' e o 'grosseiro, atualmente ainda encontrados em nossa sociedade (Gleitman, Reisberg, & Gross, 2003). Na psicologia, a dificuldade de classificar diferentes tipos de personalidade, isolando outras habilidades mentais como a inteligência, é considerada um dos problemas mais antigos (Thurstone, 1934). Em 1929, McDougall já expressava sua apreensão pelo progresso no entendimento deste construto, pontuando que acreditava ser fundamental a existência de um consenso sobre as classes de fatores que compõe a personalidade e sobre a terminologia usada para descrevê-la. Após analisar diversas tentativas de definição da personalidade, o autor concluiu que nenhuma abordagem apresentada até aquele momento era capaz de contemplar a complexidade pertinente ao construto (McDougall, 1929). Atualmente a compreensão de como a personalidade se constitui e de como suas partes interagem de forma singular em cada indivíduo ainda é considerada uma tarefa audaciosa, fazendo com que nenhuma teoria ou modelo existente seja suficiente para desvendá-la completamente (Gleitman, Reisberg & Gross, 2003).

Além da dificuldade de conceptualização referente ao próprio construto, o uso da palavra personalidade de diferentes formas dificulta uma concepção clara de seu conceito. Allport (1937) alertou para os riscos do uso desta palavra de forma indiscriminada, referindo que a elasticidade pertinente a este termo faz com que ele seja usado em diversos contextos, nem sempre apropriados, raramente sendo questionado. No último século o crescente interesse pelo tema propiciou o surgimento de uma área de investigação particular, com direito a periódicos exclusivos para publicação do conhecimento produzido, evidenciando a coexistência de diversas teorias que tentam explicar a formação, organização e estabilidade das características individuais das pessoas (Nunes, Zanon & Hutz, 2018). Embora grande parte das teorias da personalidade compartilhem da ideia de que as pessoas apresentam diferenças no que diz respeito a seus pensamentos, sentimentos e suas ações, e que essas características se apresentam em cada indivíduo como um padrão relativamente estável (Gleitman, Reisberg & Gross, 2003), é possível encontrar discrepâncias importantes sobre o entendimento deste construto. Endler e Magnusson (1976) buscaram organizar as diferentes abordagens sobre a personalidade a partir de quatro grandes modelos, apresentando suas

peculiaridades e suas semelhanças, a saber: a) o modelo psicodinâmico, que entende a personalidade através da dinâmica de desenvolvimento e da contínua interação entre os elementos Id, Ego e Superego; b) o modelo situacional, que assume que a principal força a fundamentar o comportamento dos indivíduos são as situações, colocando as diferenças individuais em segundo plano e sendo compreendido em termos de estímulo-resposta; c) o modelo interacionista que propõe uma influência mútua entre indivíduo e situação, assumindo que o comportamento é o resultado desta interação; e d) o modelo do traço, origem dos conceitos considerados neste estudo, que assume os traços de personalidade como principais determinantes para o comportamento, embora as situações possam ter impacto sobre o funcionamento do indivíduo, gerando comportamentos particulares para cada contexto (Endler & Magnusson, 1976).

A Hipótese Lexical e as Teorias Fatoriais da Personalidade

O entendimento de que as palavras podem ser uma valiosa fonte de informação para criação de uma taxonomia para personalidade, não é um assunto recente. Há mais de 130 anos, Galton (1884) usou um dicionário como fonte de informações para estimar a existência de aproximadamente mil palavras da língua inglesa que poderiam ser usadas para definir os traços mais perceptíveis de uma pessoa. Segundo o autor, ainda que compartilhe características com outras, cada palavra apresenta um significado único, uma "diferente tonalidade" (p. 181), que pode servir de premissa para elaboração de testes de personalidade que buscam mensurar as características de cada indivíduo e como elas se manifestam e interagem. Conhecida como hipótese lexical, a compreensão de que as palavras podem contribuir com a criação de uma taxonomia para personalidade é sustentada por duas premissas: 1) se um traço de personalidade for de fato relevante, as pessoas irão nomeá-lo; e 2) termos relevantes usados na comunicação serão passados de geração em geração, absorvendo as diferenças de cada época e cultura, enquanto termos irrisórios deixarão de ser usados e desaparecerão (Goldberg, 1982).

Embasados no trabalho de Galton (1884), Allport e Odbert (1936) utilizaram um dicionário com cerca de 550.000 palavras, para chegar a 4.504 termos, que consideraram como principais descritores da personalidade. Ao submeter esta lista a análises fatoriais, Cattel (1946) chegou a uma solução de 16 fatores que, embora tenha sido um marco para o estudo da personalidade, foi um modelo bastante criticado pelos pesquisadores da época. Diversos autores passaram a buscar novas soluções, uma vez que entendiam que 16 fatores tornava o modelo muito complexo (Nunes, Zanon & Hutz, 2018). Os estudos que passaram a ser desenvolvidos deram origem a diferentes modelos que fazem parte do que hoje é

conhecido hoje como teorias fatoriais da personalidade (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988). Dentro destes modelos, destacam-se o modelo de três fatores de Eysenck (1952), o modelo de cinco fatores (Fiske, 1949; Costa & McCrae, 1992; Norman, 1963; Tupes & Christal, 1992) e o modelo de seis fatores (Lee & Ashton, 2004). Atualmente, muitos pesquisadores continuam empenhados em encontrar um paradigma irrefutável para a explicação da personalidade, embora pareça haver um certo consenso de que o modelo composto por cinco fatores é o modelo mais expressivo e seguro para investigação deste construto (Costa et al., 2008), sendo considerado por muitos pesquisadores o modelo mais promissor (Lima & Simões, 2000).

Os Cinco Grandes Fatores

A primeira menção a um modelo composto por cinco fatores, foi o que Digman (1990) chamou de "uma antecipação estranha dos resultados de meio século de trabalho para organizar a linguagem da personalidade em uma estrutura coerente". McDougall (1929) sugeriu que uma análise da linguagem natural poderia ser usada para compreensão da personalidade e propôs que isso poderia ser feito considerando-se cinco fatores independentes: Intelecto, Disposição, Índole, Temperamento e Caráter. Apresentado em McDougall (1929) e retomado em McDougall (1932), este modelo de personalidade foi proposto com a intenção de evitar confusões e divisões ao se falar da personalidade. Embora a proposta de McDougall tenha se aproximado muito do resultado que análises fatoriais mais complexas iriam acabar revelando, a representação dos cinco fatores na forma atual deve-se ao trabalho desenvolvido por Tupes e Christal em 1961, e publicado como um relatório técnico para a Base da Força Aérea do Condado de Brooks, no Texas (Tupes & Christal, 1992). O reconhecimento destes fatores como dimensões fundamentais da personalidade, entretanto, só ocorreu vinte anos depois, na década de 80 (McCrae & John, 1992).

Chamados comumente de fatores, as dimensões da personalidade são conjuntos de diferentes tendências cognitivas, afetivas e comportamentais, que permitem agrupamentos distintos (Costa & McCrae, 1995). O termo faceta é usado para designar traços de nível inferior que correspondem a estes agrupamentos e que estão presentes em todos os indivíduos, se diferenciando apenas pelo grau de intensidade (McCrae & Costa, 2008). O *Five Factor Model*, conhecido no Brasil como modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (CGF) (Nunes, Zanon, & Hutz, 2018), é formado pelos domínios amplos: *Neuroticism* (Neuroticismo), *Extraversion* (Extroversão), *Conscientiousness* (Realização / Conscienciosidade), *Openness* (Abertura) e *Agreeableness* (Socialização / Amabilidade). O número de facetas que compõe cada um dos fatores, entretanto, ainda é um assunto

controverso, coexistindo modelos que apresentam diferentes estruturas (Costa e McCrae, 1992; DeYoung, Quilty, & Peterson, 2007; Hofstee, De Raad, & Goldberg, 1992; Nunes, Hutz, & Nunes, 2010; Saucier & Ostendorf, 1999).

Embora a consideração de facetas no modelo permita compreender melhor como cada fator é constituído, muitos pesquisadores ainda optam por considerar apenas os fatores gerais (Nichols & Pace, 2020). Uma das possíveis razões para esta escolha é que ainda não existem evidências que permitam afirmar como é composto o melhor modelo fatorial do CGF no que tangem suas facetas (McCrae, 2013). Apesar da falta de consenso sobre o modelo hierárquico mais apropriado, a necessidade de se avaliar a personalidade ao nível das facetas é cada vez mais reconhecida (Woods & Anderson, 2016), considerando que esta avaliação aumenta a acurácia dos resultados e prediz comportamentos de forma mais precisa (Paunonen & Ashton, 2001; Samuel & Widiger, 2008; Ziegler & Bäckström, 2016). Soto e John (2019) afirmam ainda que a avaliação a nível de fator é capaz de resumir um grande conjunto de comportamentos, mas apenas a avaliação a nível de faceta possibilita um resultado mais fidedigno e apurado, capazes de predizer melhor os aspectos idiossincráticos de cada indivíduo.

Modelo proposto por Costa e McCrae (1992)

O modelo de personalidade composto por cinco fatores tem sido o mais estudado nos últimos quarenta anos (Xie & Cobb, 2020). Em 1992, Costa e McCrae propuseram um modelo composto por 30 facetas, 6 para cada um dos cinco fatores, que despertou grande interesse dos pesquisadores, se tornando o modelo mais pesquisado até o momento (Nichols & Pace, 2020). Este modelo foi replicado em mais de 50 países, incluindo nações orientais e ocidentais (Xie & Cobb, 2020), o que evidência que suas dimensões têm um alto nível de consistência transcultural. O desenvolvimento deste modelo não ocorreu guiado por uma única base teórica no que tange os domínios específicos, e os autores não apresentam justificativa para o número de facetas presentes. Costa e McCrae chegaram a afirmar que "não há nada de mágico no número seis" (Costa & McCrae, 1995, p. 26). Assim, a motivação para estrutura final do modelo parece ter sido guiada por observações empíricas em detrimento de questões conceituais. O instrumento NEO-PI (Costa & McCrae, 1992) proposto pelos autores para mensuração da personalidade neste o modelo já foi adaptado e validado em diversos contextos culturais (Allik et al., 2017; McCrae & Costa, 1997; Goldberg, 1990), tendo sido citado aproximadamente 24.000 vezes desde sua publicação (Kean, 2020) e possibilitando um considerável avanço na psicologia da personalidade (Xie & Cobb, 2020). Abaixo, encontra-se o modelo dos autores detalhado.

Neuroticismo (*Neuroticism / Emotional Stability*)

Esta dimensão é definida pela instabilidade emocional e faz parte da maioria dos modelos fatoriais. Considera as diferenças individuais de inclinação para perceber a realidade como ameaçadora e problemática, considerando preocupações e opiniões negativas de si mesmo, e a tendência de sentir emoções negativas como tristeza, vergonha, culpa e raiva (Rolland, 2002). Pessoas com um nível alto deste traço apresentam maior suscetibilidade a mudanças de humor (Zhang, 2020) e tendem a apresentar pouca habilidade para controle de impulsos e manejo do estresse (Costa & McCrae, 1992). Também apresentam um estilo de atribuição pessimista ao explicar os eventos da vida e dificuldades para postergar a gratificação (Zhang, 2020). Indivíduos com baixos níveis deste traço geralmente agem com calma e mostram-se equilibrados e emocionalmente estáveis e, mesmo diante de situações de estresse, tendem a relatar menores níveis de emoção negativa (Costa & McCrae, 1992).

Formado pelas facetas:

1. Ansiedade *(Anxiety)* - Relacionada à sensação de apreensão, medo, tensão e extrema preocupação. Pessoas com esta faceta acentuada relatam anseios relacionados ao presente e ao futuro, convivendo com nervosismo constante. São mais apreensivos, medrosos, nervosos, tensos, propensos a preocupação e agitados. Podem apresentar condutas fóbicas e medos específicos, assim como ansiedade flutuante. Pessoas com baixos níveis desta faceta são calmos e relaxados, não remoem coisas que poderiam dar errado, não antecipam catástrofes e, por tanto, são menos prováveis de apresentar estados emocionais negativos (Costa & McCrae, 1992).
2. Raiva/Hostilidade *(Angry Hostility)* - Tendência a vivenciar raiva e estados relacionados, como a frustração e a amargura. Essa escala mede a prontidão do indivíduo para experimentar estados de raiva, e não necessariamente a expressão dela (que depende do nível de socialização). Entretanto, pessoas com atitudes mais hostis frequentemente tem escores altos nessa escala. Escores baixos são pessoas fáceis de lidar, que apresentam baixa reatividade a raiva (Costa & McCrae, 1992).
3. Depressão *(Depression)* - Referente às diferenças individuais na tendência a experienciar afetos negativos como tristeza, desesperança, culpa e solidão. Está faceta considera as diferenças presentes entre indivíduos que não apresentam qualquer patologia, considerando que este modelo de personalidade parte do pressuposto de que os indivíduos apresentam diferenças dentro de um *continuum*

considerado típico (normal). Embora, existam instrumentos construídos especificamente para mensuração da personalidade patológica, a partir do mesmo modelo (Costa & McCrae, 1992)

4. Embaraço/Constrangimento *(Self-Consciousness)* - Relacionado a emoções como vergonha e embaraço. Indivíduos com esta faceta acentuada ficam constrangidos facilmente, ficam desconfortáveis frente à outras pessoas, são sensíveis ao ridículo e tendem a se sentir inferiores. Sentem medos de serem mal interpretados e costumam relatar sentimento de inadequação. Essa faceta aproxima-se da timidez. Pessoas com traços menos intensos não necessariamente são seguros ou tem boas habilidades sociais; eles simplesmente se sentem mais confortáveis e ficam menos incomodados em situações de socialização (Costa & McCrae, 1992).
5. Impulsividade *(Impulsiveness)* - Relacionado à falta de habilidade para controle de anseios e impulsos. Não se trata de espontaneidade ou rapidez na tomada de decisão. Indivíduos que apresentam essa faceta mais acentuada entendem que seus desejos são tão fortes que não há como resistir, mesmo que isso possa gerar arrependimentos. Pessoas com baixos níveis desta faceta tem maior facilidade de resistir aos desejos e apresentam uma alta tolerância a frustração (Costa & McCrae, 1992).
6. Vulnerabilidade *(Vulnerability)* - Refere-se à vulnerabilidade ao estresse. Indivíduos com esse traço acentuado apresentam dificuldades em lidar com situações de estresse, tornando-se dependente ou entrando em pânico frente a uma emergência (Costa & McCrae, 1992).

Extroversão (*Extraversion*)

Este domínio reflete a quantidade e intensidade das relações que o indivíduo apresenta com o ambiente (sobretudo o ambiente social). Trata-se de uma tendência a buscar contatos sociais com energia, ânimo, entusiasmo e confiança e viver estas experiências de forma positiva (Rolland, 2002). É composta por componentes interpessoais que representam os comportamentos típicos dos extrovertidos, incluindo alta sociabilidade e assertividade; e componentes temperamentais que incluem o aumento do nível de atividade e o afeto positivo (Walker, 2020). Pessoas com nível alto de extroversão são mais sociáveis, assertivas, buscam mais excitação e estimulação social (Costa & McCrae, 1992), e são tipicamente mais falantes, expansivas e energizadas. De maneira oposta, pessoas menos extrovertidas, os chamados introvertidos, são pessoas reservadas e quietas (Walker, 2020).

Formado pelas facetas:

1 Acolhimento *(Warmth)* - Está faceta está relacionada ao grau de afeto e a amizade que a pessoa apresenta. Pessoas com essa faceta acentuada demonstram mais afeição e se mostram mais amigáveis, gostando verdadeiramente de manter contatos pessoais e formando vínculos facilmente. Apreciam, sobretudo, a troca afetiva e mantém amigos com facilidade. Indivíduos com nível baixo desta faceta são mais formais, reservados e socialmente distantes (Costa & McCrae, 1992).

2 Gregarismo *(Gregariousness)* - Caracteriza a preferência pela companhia das outras pessoas e pela necessidade de alta estimulação social. Pessoas com este traço acentuado desfrutam da companhia dos outros, gostam de estar em grandes grupos e apreciam trocas afetivas em quantidade. Sentem desprazer em ficar ou fazer as coisas desacompanhado ou com poucas pessoas. Indivíduos com nível mais baixo tendem a ser pessoas que não procuram ou evitam a estimulação social, optando por tarefas que possam realizar sozinhos (Costa & McCrae, 1992).

3 Assertividade *(Assertiveness)* - Esta faceta está relacionada à dominância, liderança e independência. Pessoas altas nessa faceta são dominantes, vigorosos e ascendentes socialmente, falam sem excitação e frequentemente se tornam líderes de grupos, demonstrando maior independência em suas ações. Pessoas com esse traço mais ameno preferem se manter em segundo plano e deixar os outros aparecerem e falarem. Demonstram menor confiança e pouca segurança em seu discurso (Costa & McCrae, 1992).

4 Atividade *(Activity)* - Representa agilidade, energia, vigor e necessidade de movimento. Pessoas com altos escores são pessoas agitadas, ágeis e dinâmicas, com a necessidade de se manterem ocupadas. Buscam ativamente por atividades que demandem energia, evitando situações em que não haja atividades ou movimento. Pessoas com essa faceta mais branda são mais vagarosas e calmas, apesar de não serem necessariamente pessoas lerdas ou preguiçosas (Costa & McCrae, 1992).

5 Busca de Sensações *(Excitement-Seeking)* - Caracteriza busca de excitação e estimulação. Pessoas com esse traço mais intenso gostam de cores brilhantes e ambientes barulhentos. Apreciam sensações intensas e necessitam de estímulos mais acentuados. Pessoas com menores níveis nessa faceta sentem pouca necessidade, ou mesmo evitam, emoções/excitações fortes (Costa e McCrae, 1992).

6 Emoções Positivas *(Positive Emotions)* - Tendência a experienciar emoções positivas como alegria, gratidão, amor, esperança e animação. Pessoas com esse domínio mais intenso riem com facilidade e frequentemente são alegres e otimistas. Apresentam uma visão positiva da vida. Pessoas com esse traço menos intenso são menos animados e menos bem humoradas (Costa & McCrae, 1992).

Realização / Conscienciosidade (*Conscientiousness*)

A Conscienciosidade, também chamada de Realização compreende elementos funcionais da personalidade como antecipação, orientação para o sucesso, orientação para a tarefa e implicação; e elementos de controle e inibição de comportamentos, como organização, perseverança, rigor e respeito às normas e procedimentos (Rolland, 2002). Pessoas com altos níveis nesse fator são descritos como indivíduos disciplinados, confiáveis, cuidadosos, aplicados, organizados, trabalhadores, eficientes, planejadores e socialmente responsáveis. Baixos níveis nesse fator revelam indivíduos que tendem a ser mais impulsivos, espontâneos, despreocupados, irresponsáveis, desorganizados, preguiçosos, imprudentes e indiferentes (Kern, 2020).

Formado pelas facetas:

1. Competência *(Competence)* - Refere-se à percepção que o indivíduo tem sobre si mesmo em relação a sua capacidade, prudência e efetividade. Pessoas com esta faceta acentuada referem perceber-se como capazes de lidar com os desafios da vida e como prudentes na tomada de decisão. São pessoas confiantes em suas habilidades de resolução de problemas. Pessoas com esse traço menos intenso apresentam uma opinião desfavorável sobre suas habilidades e assumem que muitas vezes estão despreparadas para lidar com as situações (Costa & McCrae, 1992).

2. Ordem *(Order)* - Esta faceta revela o grau de organização, planejamento, preparação e metodismo com que o indivíduo conduz atividades. Pessoas com essa faceta acentuada apresentam um alto grau de organização, revelado na forma como ordenam seus pertences, no planejamento prévio de cada ação e no metodismo para realização de tarefas. Costumam atuar de forma sistemática, com regras rígidas e disciplina. Podem apresentam também uma maior atenção à limpeza (Costa & McCrae, 1992).

3. Senso de Dever *(Dutifulness)* - Compreende a motivação interna para o cumprimento de obrigações sociais, morais ou éticas. Pessoas que apresentam altos níveis nessa faceta mantêm-se fiéis estritamente aos seus princípios éticos e

escrupulosamente cumprem suas obrigações morais. São altamente empenhados quando se comprometem com uma tarefa, não questionam regras sociais e são menos propensos a quebrar promessas ou perder compromissos, sendo descritos como pessoas confiáveis (Costa & McCrae, 1992).

4. Esforço por Realizações *(Achievement Striving)* - Caracterizada pela tendência a aspirar altos níveis e atitudes para alcançá-los. Pessoas com altos níveis são diligentes e determinadas, costumam empenhar esforços para seu crescimento pessoal (estudo, trabalho), apresentando alto senso de direção para própria vida. Um nível muito alto, contudo, pode acarretar em um investimento exagerado na carreira em detrimento de outras áreas de sua vida (Costa & McCrae, 1992).
5. Autodisciplina *(Self-Discipline)* - Esta faceta refere-se à habilidade em começar tarefas e conduzi-las até o fim, independentemente de tédio ou outras distrações. Pessoas com altos níveis tem a habilidade de motivarem a si mesmos para terminar um trabalho, e não costumam perder o foco com distrações. Não são facilmente desencorajados quando definem um objetivo, ignorando a possibilidade de desistir. Sua motivação não diminui com a presença de contratempos ou novos desafios, o que faz com que estes indivíduos possam trabalhar longas horas ou mesmo a assumir um trabalho extra (Costa & McCrae, 1992).
6. Ponderação *(Deliberation*) - Apresentam-se como uma tendência a pensar e deliberar cuidadosamente antes de agir. Pessoas com esta faceta acentuada são cuidadosos e ponderados, refletem cuidadosamente sobre as consequências de seus atos, podendo apresentar dificuldade de tomar decisões rápidas. Frente a uma situação inesperada, agem com extrema cautela. Pessoas com baixos níveis são apressados e frequentemente falam ou agem sem considerar quais serão os resultados de suas escolhas (Costa & McCrae, 1992).

Abertura (*Openness)*

Trata-se de uma dimensão independente de aptidões cognitivas que considera comportamentos de busca ativa e amor por novas experiências. Se manifesta em uma ampla gama de interesses, no desejo de buscar e viver experiências novas e incomuns, (Rolland, 2002) na imaginação ativa, sensibilidade estética, atenção aos próprios sentimentos e curiosidade (Costa & McCrae, 1992). Embora já tenha sido rotulada de intelecto (Costa et al., 2008), tem apenas uma correlação modesta com inteligência. A intensidade nessa faceta revela indivíduos curiosos, com uma imaginação rica e que

experimentam uma gama mais ampla de emoções e buscam ativamente experiências diversas e variadas. Pessoas que apresentam baixos níveis nessa faceta são convencionais, mais rígidos cognitivamente, satisfeitos com a rotina e sem interesse por novidades (McCrae & Sutin, 2009).

Formado pelas facetas:

1. Fantasia *(Fantasy)* - Relacionada a uma imaginação vívida e uma vida fantasiosa ativa. Indivíduos altos nessa faceta devaneiam como uma maneira de criar um mundo interno interessante. Eles elaboram e desenvolvem suas fantasias e acreditam que a imaginação contribui para uma vida rica e criativa. Possuem um pensamento com altos graus de imaginação. Facilmente criam 'realidades alternativas', relatando uma lógica que nem sempre é realista. Indivíduos com níveis baixos são mais práticos e objetivos e preferem manter suas mentes em tarefas concretas (Costa & McCrae, 1992).
2. Estética *(Aesthetics)* – Considera a apreciação profunda pelas diversas formas da arte e da beleza. Indivíduos altos apresentam uma maior sensibilidade emocional e atenção a estímulos visuais e estímulos auditivos, sem necessariamente possuírem talentos artísticos ou serem tidas como pessoas de bom gosto. Pessoas com baixos níveis nessa faceta são relativamente insensíveis e desinteressadas pela arte e beleza (Costa & McCrae, 1992).
3. Sentimentos *(Feelings)* – Dimensão relativa à receptividade dos próprios sentimentos e emoções. Pessoas que apresentam traços intensos experenciam estados emocionais mais profundos e diferenciados, assim como sentem felicidade e infelicidade mais intensamente que outras pessoas. Observam com maior atenção os próprios sentimentos e valorizam mais as emoções. Indivíduos baixos nessa faceta são mais embotados emocionalmente e acreditam que as emoções não mereçam tanta importância (Costa & McCrae, 1992).
4. Ações Variadas *(Actions)* - Disposição para atividades diferentes, conhecimento de novos lugares ou situações. Indivíduos com altos níveis evitam, sempre que podem, a rotina. Preferem novidade e variedade em detrimento da familiaridade, demostrando maior disposição para experiências novas. A rotina lhes causa desprazer e os fazem buscar ativamente por novas experiências. Pessoas com baixos níveis nessa dimensão preferem a segurança do que já é conhecido (Costa & McCrae, 1992).
5. Ideias *(Ideas)* - Domínio relacionado a curiosidade intelectual. Esse traço é relativo à busca ativa por interesses intelectuais, a abertura mental e disposição a

considerar ideias novas. Pessoas com altos níveis apreciam tanto argumentos filosóficos quanto desafios mentais, gostam de pensamentos não convencionais e buscam ativamente por mais conhecimento. Entretanto, isso não implica necessariamente em alta inteligência. Indivíduos com esse traço menos intenso tem curiosidade limitada e, se altamente inteligentes, focam seus recursos cognitivos em temáticas restritas (Costa & McCrae, 1992).

6. Valores *(Values)* - Considera a prontidão para reexaminar valores sociais, familiares, políticos e/ou religiosos. Indivíduos com essa faceta acentuada aceitam facilmente valores diferentes dos seus. Aceitam ser questionados sobre suas crenças ou sua visão política. Em contrapartida, indivíduos com níveis menores deste traço, são mais fechados e tendem a aceitar a autoridade e honrar tradições. Abertura a valores pode ser considerada o oposto do dogmatismo (Costa & McCrae, 1992).

Socialização / Amabilidade (*Agreeableness)*

A Amabilidade, também chamada de Socialização, é o fator da personalidade responsável pelas diferenças individuais na motivação para manter relacionamentos interpessoais positivos (Graziano & Eisenberg, 1997). Este domínio compreende a qualidade das relações em um espectro que varia da antipatia a compaixão (Rolland, 2002), e seu polo positivo é expresso em comportamentos que revelam generosidade, confiança, bondade e empatia (Tobin & Graziano, 2020). Indivíduos altos neste fator tendem a sensibilizar-se com situações vividas pelos outros e colocar-se no lugar deles, sendo geralmente consideradas pessoas simpáticas, atenciosas e afetuosas que acreditam que os outros também irão agir da mesma forma que elas agiriam. Pessoas com baixos níveis no fator são críticas e céticas, facilmente expressam hostilidade e mostram comportamento presunçoso com os outros (Graziano & Tobin, 2017).

Formado pelas facetas:

1. Confiança *(Trust)* - Disposição a acreditar que os outros são honestos e bem-intencionados. Pessoas com esta faceta acentuada apresentam dificuldade em perceber maldade nos outros e em identificar a desonestidade. Por isso, tendem a dividir informações íntimas com facilidade e a tomar decisões baseadas na crença de que os outros estão certos. Mesmo quando prejudicadas, frequentemente buscam interpretações que justifiquem a maldade dos outros e facilmente acreditam no arrependimento de quem lhe prejudicou. Pessoas com baixos níveis

desta faceta tendem a ser cínicos e céticos e assumem que os outros podem ser desonestos e perigosos (Costa & McCrae, 1992).

2. Franqueza *(Straightforwardness)* - Relacionada à própria sinceridade e à lealdade para com a verdade. Indivíduos com altos níveis valorizam muito à transparência e agem com franqueza e honestidade. Podem apresentar certo grau de ingenuidade em relação às consequências de sua sinceridade, sendo incapazes de manipular ou enganar os outros. Não consideram valer-se de inverdades para tirar proveito e tendem a assumir seus erros. Pessoas que apresentam essa faceta de forma menos intensa estão mais dispostas a manipular e enganar os outros por meio da astúcia e percebem essas táticas como habilidade sociais necessárias (Costa & McCrae, 1992).
3. Altruísmo *(Altruism)* - Representa uma preocupação ativa com o bem-estar dos outros. Pessoas com altos níveis de altruísmo demostram generosidade e disposição para auxiliar aqueles que precisam. Não resistem em se envolver em problemas se entendem que podem ajudar, demonstrando empatia e se doando sem esperar retorno. Baixos níveis revelam indivíduos autocentrados e relutantes em se envolver nos problemas alheios (Costa & McCrae, 1992).
4. Complacência *(Compliance)* - Considera as reações aos conflitos interpessoais. Indivíduos que apresentam essa faceta de forma mais intensa tendem a deferir em favor dos outros, a fim de evitar situações disruptivas. São pessoas gentis e amáveis, que preferem cooperar do que competir. A fim de evitar discussão, facilmente perdoam e esquecem se alguém lhe prejudicou, evitando qualquer expressão de raiva. Não se opõe a opiniões divergentes. Pessoas com níveis mais baixos dessa faceta são agressivos, não hesitando em rivalizar e envolver-se em disputas (Costa & McCrae, 1992).
5. Modéstia *(Modesty)* - Relacionado a humildade e simplicidade. Pessoas com alto escore nessa escala são humildes e apagados, apesar de não necessariamente lhes faltar autoconfiança e autoestima. Evitam falar sobre suas qualidades ou suas conquistas, e entendem-se como pessoas imperfeitas. Não se deve confundir com falta de autoestima. Níveis menores nessa faceta revelam indivíduos que acreditam que são pessoas superiores e podem ser consideradas presunçosas e arrogantes pelos outros (Costa & McCrae, 1992).
6. Sensibilidade *(Tender-Mindedness)* - Caracteriza atitudes de simpatia, compaixão e preocupação pelo lado humano de políticas sociais. Pessoas com esta faceta acentuada agem sempre considerando as necessidades alheias e enfatizando o

lado humano da política. Pessoas com níveis menores dessa faceta considerariam a si mesmos realistas por tomar decisões racionais e baseadas em uma lógica fria (Costa & McCrae, 1992).

Modelo CGF e o contexto brasileiro

Atualmente, existem dois principais instrumentos aprovados pelo SATEPSI (CFP, 2018) para mensuração conjunta dos cinco grandes fatores no contexto brasileiro: a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010) e o Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) (Costa et al., 2008). Embora tratem-se de dois instrumentos de boa qualidade, ainda existem algumas barreiras para realização de pesquisas e de avaliações da personalidade no contexto clínico considerando o modelo CGF. A primeira barreira diz respeito a acessibilidade destes instrumentos à população de menor escolaridade. A BFP foi validada e normatizada com uma amostra predominantemente composta por pessoas com ensino médio e superior (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010), questão que foi pontuada no manual do instrumento (p.61). Ao avaliarem a confiabilidade do instrumento através do coeficiente Alfa de Cronbach, dividindo a amostra por escolaridade, os autores observaram que a precisão apresentada por indivíduos que não haviam concluído o Ensino Fundamental foi mais baixa do que a apresentada por indivíduos que concluíram Ensino Médio e o Ensino Superior. Ao discutirem esses resultados, os autores corroboram com a hipótese de que a linguagem dos itens que compõe o instrumento pode não ser acessível à indivíduos com menor escolaridade (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010).

Uma análise mais detalhada do instrumento pode nos dar pistas das dificuldades encontradas por estes indivíduos. Embora estejamos falando de um instrumento com propriedades psicométricas adequadas, é possível encontrar itens como: "*Com frequência, passo por períodos em que fico extremamente irritável, me incomodando com qualquer coisa.*" ou "*Geralmente faço o que os meus amigos e parentes querem, embora não concorde com eles, com medo de que se afastem de mim.*", que apresentam uma estrutura frasal na qual é preciso articular ideias, exigindo maior fluência de leitura do respondente (Navas, Pinto, & Dellisa, 2009). Além da estrutura de alguns itens, o uso de expressões como '*constantemente*', '*impulsivamente*', '*precipitadas*', '*ridicularizado*', '*estímulo*' ou '*discussões filosóficas*', presentes na BFP e facilmente entendidos pela parcela da população com mais anos de escolaridade, podem se mostrar um obstáculo para aqueles que não possuem o hábito de leitura e/ou que possuem um vocabulário mais limitado.

O problema referente ao vocabulário, no entanto, não é uma questão exclusiva da BFP. O próprio NEO-PI-R, em sua versão original, enfrentou esse problema, fazendo com

que McCrae, Costa e Martin (2005) propusessem a revisão deste instrumento, após constatarem que muitos itens eram de difícil entendimento para uma parcela da população. Uma avaliação mais detalhada da versão brasileira do NEO-PI-R revela as mesmas características encontradas na BFP. Nesta adaptação é possível encontrar itens como: "*Acredito que deixar estudantes ouvirem pessoas com ideias controversas só vai confundi-los e desorientá-los*.", "*Gosto de me concentrar numa fantasia e explorar todas as suas possibilidades, deixando ela crescer e se desenvolver*." ou "*Penso que a nova moralidade, que consiste em tudo permitir, não é moralidade nenhuma.*", que mostram estruturas de difícil compreensão. Também cabe sinalizar o uso de expressões como: "*discussões filosóficas enfadonhas*", "*intimido ou bajulo*", "*grande alegria ou êxtase (arrebatamento)*", "*melindrosa e temperamental*", "*deveres cívicos*", "*sarcástico e irônico (a)*", "*nem dissimulado (a) nem espertalhão (ona)*."; e palavras como: "*vangloriar*" e "*metódica (ordeira)*" etc. que fazem com que o entendimento desse instrumento exija um vocabulário incomum para boa parte da população.

A segunda barreira é referente a questões específicas de cada um dos instrumentos. No caso da BFP, o instrumento apresenta uma estrutura fatorial composta por 17 facetas que mensuram os cinco grandes fatores. Ainda que não se possa afirmar como é composto o melhor modelo de cinco fatores (McCrae, 2013), o fato de não existir nenhum outro instrumento com o mesmo modelo fatorial dificulta o entendimento dos resultados obtidos, uma vez que não existe mensuração dos traços específicos conforme descrito neste instrumento em outras culturas. Neste sentido, o uso do NEO-PI-R apresenta uma vantagem por apresentar um modelo predominantemente considerado pelos pesquisadores (Mõttus, 2017). Entretanto, questões específicas desse instrumento também devem ser consideradas, uma vez que se trata de uma adaptação. McCrae (2013) refere que, embora a estrutura de personalidade seja a mesma em diferentes populações, a expressão dos traços pode ser afetada pelas diferenças culturais. Assim, embora as traduções sejam geralmente bem sucedidas, muitos itens podem não funcionar como o esperado. Isso se dá, em partes, porque a mesma pontuação numérica pode não implicar no mesmo nível da característica mensurada em diferentes culturas. Os autores ressaltam que, mesmo que o sentido do item seja preservado, a intensidade ou dificuldade podem sofrer alterações. Isso pode justificar algumas incongruências encontradas na versão brasileira deste instrumento (Costa et al., 2008) como a faceta Assertividade (pertencente ao fator Extroversão) que apresentou carga fatorial mais alta para o fator Amabilidade (Socialização) (Extroversão.: 0.339 / Amabilidade: 0.479), bem como outras facetas que apresentaram cargas igualmente altas em mais de um fator. Ou o coeficiente Alfa de Cronbach apresentado nas facetas do fator

Abertura: Ações Variadas (0,55) e Valores (0,54); e nas facetas do fator Amabilidade (Socialização): Franqueza (0,58), Complacência (0,59) e Sensibilidade (0,48), considerados apenas moderados (Landis & Koch, 1977).

Borsa e Seize (2017) afirmam que a escolha pela construção de um novo instrumento pode ser pautada por diferentes motivos. Embora, este trabalho não se justifique pela ausência de instrumentos para mensuração do construto, considerou-se como uma justificativa plausível para investir nesse projeto a ausência de instrumentos adequados à população com menores hábitos de leitura e que não apresentam um vocabulário sofisticado. Assim, com intuito de minimizar as barreiras existentes para avaliação da população com menor escolaridade, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o processo realizado para a criação de um novo instrumento considerando o modelo proposto por Costa e McCrae (1992). Entende-se que este instrumento favorecerá as pesquisas da personalidade no Brasil, além de beneficiar o contexto clínico, para o qual os testes são auxiliares importantes para tomada de decisão baseadas em normas objetivas (Noronha et al., 2002). Assim, dois estudos distintos foram realizados, ambos tendo como tema central os procedimentos qualitativos dispensados para produção de instrumentos de autorrelato. No primeiro estudo, que se encontra submetido na revista Avaliação Psicológica, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, conduzida com base em diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher et al., 2009), através da qual investigamos os procedimentos qualitativos utilizados para construção ou adaptação de instrumentos de medida da personalidade no modelo CGF nos últimos cinco anos. Enquanto, no segundo estudo descrevemos o processo de construção de um novo instrumento, considerando os procedimentos qualitativos realizados na busca de evidências de validade baseadas no de conteúdo.

CAPÍTULO II

ANÁLISE QUALITATIVA NA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS FUNDAMENTADOS NO MODELO CGF: REVISÃO SISTEMÁTICA[1]

Ana Claudia Araujo da Cruz (UFRGS)
Sofia Hoffmann (UFCSPA)
Cauê Otto dos Santos (UFCSPA)
Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (UFSC)
Cláudio Simon Hutz (UFRGS)

[1] Artigo submetido para publicação na revista Avaliação Psicológica

RESUMO

Os principais autores do tema enfatizam a importância do uso de procedimentos qualitativos no processo de construção de instrumentos psicológicos. Através de uma revisão sistemática objetivou-se investigar o uso desses procedimentos na produção de instrumentos de auto e heterorrelato, construídos a partir do modelo Cinco Grandes Fatores de personalidade. A busca comportou o período de 2014-2019 e foram acessadas as bases *Science Direct*, *PsychINFO* e *Scopus*. A amostra final foi composta por 36 estudos que permitiram evidenciar que etapas como a definição do construto e o processo de tradução dos itens parecem bastante consolidadas entre os pesquisadores, o que não ocorre com os procedimentos que incluem a avaliação de juízes e participação da população-alvo. Evidenciou-se ainda que a utilização de amostras que incluem de forma irrisória indivíduos de baixa escolaridade para análises quantitativas contribuem para que os instrumentos tenham um uso prático questionável.

Palavras-chave: Medidas de personalidade; Testes psicológicos; Cinco Grandes Fatores;

ABSTRACT

The main authors of the theme emphasize the importance of using qualitative procedures in the construction of psychological instruments. Through a systematic review, the objective was to investigate the use of these procedures in the production of self-report and informant-reports instruments, built based on the Five-Factor Model of personality. The search covered the 2014-2019 period and were accessed the Science Direct, PsychINFO and Scopus databases. The final sample was composed of 36 studies that allowed to evidence that stages like the definition of the construct and the translation process of the items seems to be quite consolidated among researchers, what does not happen with the procedures that include the evaluation of judges and participation of the target population. It was also evidenced that the use of samples that include a very small portion of low education individuals for quantitative analysis also contributes to the instruments having a questionable practical use.

Keywords: Personality measures; Psychological testing; Five Factor Model;

INTRODUÇÃO

Os testes psicológicos são instrumentos fundamentais para o desenvolvimento científico da Psicologia (Primi, 2010). No entanto, para que um teste seja uma ferramenta confiável é necessário mais do que a qualificação do profissional que o aplica ou a adequada utilização do teste, é preciso que o instrumento avalie de forma válida e fidedigna o construto ao qual se destina (Pacico, 2015). Cohen, Swerdlik e Sturman (2014) afirmam que um instrumento de qualidade é produto da aplicação cuidadosa de princípios estabelecidos para o desenvolvimento de testes, no entanto, não existe consenso na literatura sobre quais as etapas que devem ser seguidas no processo de construção, fazendo com que instrumentos sejam elaborados e validados de diferentes formas (Borsa & Seize, 2017; Pacico, 2015). A proposta para produção de um instrumento pode ser feita considerando-se dois caminhos: a) a adaptação de um instrumento já existente em outra cultura, que compreenderá sua adequação cultural e contextual, perpassando pela comprovação de equivalência semântica, idiomática, experiencial e conceitual dos itens (International Test Commission [ITC], 2010); e b) a construção de um instrumento, caracterizada pela produção de uma medida inédita, nacional e internacionalmente (Borsa & Seize, 2017), a qual deve considerar peculiaridades e especificidades culturais (Pacico, 2015).

Em 2005, a ITC propôs a primeira versão do documento intitulado Diretrizes para Tradução e Adaptação de Testes que, posteriormente, passou por uma revisão que originou sua segunda versão (ITC, 2017). Embora esse documento tenha se tornado um norteador para produção de instrumentos permitindo uma ampla reflexão sobre a importância de cada etapa do processo, as diretrizes do ITC não abordam diretamente a construção de instrumentos de medida, mas a adaptação de instrumentos já existentes para novos contextos. Desta forma, diversos autores apresentaram contribuições para o que seria um processo ideal para construção de instrumentos de medida na psicologia. Borsa e Seize (2017) afirmam que os princípios da criação de um instrumento podem ser divididos em dois eixos: procedimentos teóricos e procedimentos empíricos (experimentais). Corroborando com o entendimento desse processo, Urbina (2014) acrescenta ainda que se pode classificar as técnicas necessárias para construção de instrumentos em dois grupos: qualitativas, que seriam a base dos procedimentos teóricos; e quantitativas, majoritariamente utilizadas nos procedimentos empíricos. Dentre as técnicas qualitativas encontra-se o julgamento de revisores sobre as características substantivas, estilo, precisão e justiça dos itens.

Borsa e Seize (2017) enfatizam que os procedimentos teóricos são fundamentais para evidências de validade de conteúdo do instrumento, identificando suas etapas como:

conceituação do construto, elaboração dos itens e análise dos itens. Pasquali (1998) salienta, ainda, a necessidade de que esta etapa compreenda a reflexão sobre o sistema psicológico envolvido no teste e sobre as propriedades desse sistema e definições constitutivas e operacionais. Essa etapa é seguida pela construção dos itens (Pacico, 2015) que devem ser elaborados respeitando-se critérios bem definidos (Pasquali, 1998), embora, seja claro que o simples atendimento a esta recomendação não garante a adequação do item. Após a criação, é necessário que os itens sejam submetidos a análise qualitativa de especialistas de contextos pertinentes, para que eles avaliem se são representativos do construto, ou seja, adequados para sua mensuração (Urbina, 2014). Posteriormente, uma parcela representativa da população à qual a medida se destina deve ser considerada para realização da análise semântica dos itens, que pode ser realizada através de grupos focais (Pacico, 2015) ou de entrevistas individuais (Zamanzadeh et al, 2015). Cohen, Swerdlik e Sturman (2014) propõem o uso de técnicas de geração e análise de dados baseadas em procedimentos verbais onde os participantes são encorajados a discutir aspectos de sua experiência com o teste.

Possivelmente um descuido na etapa de análise semântica esteja ligado a problemas como o ocorrido com o NEO-PI (Costa & McCrae, 1992), instrumento construído com base no modelo *Five Factor Model*, conhecido no Brasil como modelo dos Cinco Grande Fatores (CGF) (Nunes, Zanon, & Hutz, 2018). Em um estudo realizado com indivíduos entre 14 e 20 anos, os autores constataram que 30 dos 240 itens do instrumento eram de difícil compreensão para esta a população (McCrae, Costa, & Martin, 2005). Neste sentido, Urbina (2014) enfatiza que, embora as tarefas que compõem os testes de personalidade não sejam pensadas para avaliar o funcionamento cognitivo, em sua maioria envolvem este processo uma vez que dependem do entendimento da tarefa e da compreensão de leitura e do nível de vocabulário dos respondentes. Sobretudo, considerando-se que a compreensão de leitura é uma habilidade extremamente complexa, que envolve a integração de informações, a realização de inferências e a construção de significado por meio de contato e envolvimento com a linguagem escrita (Cain & Oakhill, 2006).

Diante de tal panorama, este estudo comporta uma revisão sistemática da literatura, conduzida com base em diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher et al., 2009), através das quais buscou-se alcançar uma compreensão ampliada de como os instrumentos de medida do modelo CGF têm sido construídos e adaptados para novas culturas. Nesse modelo, cada fator é composto por traços (Costa & McCrae, 1998), que são organizados hierarquicamente em cinco domínios amplos, os quais se dividem em domínios menores conhecidos como facetas (McCrae, 2015). O número de facetas ainda é controverso, coexistindo modelos que apresentam diferentes

estruturas (Costa & McCrae, 1992; DeYoung, Quilty, & Peterson, 2007; Nunes, Hutz, & Nunes, 2010; Saucier & Ostendorf, 1999). Isso posto, este estudo objetiva: a) identificar os procedimentos teóricos considerados pelos pesquisadores na proposta de um novo instrumento; b) identificar os procedimentos empregados no processo de criação dos itens que irão compor o novo instrumento, bem como de adaptação de itens a novas culturas; e c) mapear a metodologia utilizada para busca de evidências de validade baseadas no conteúdo, especificamente.

MÉTODO

Fontes de informação e estratégia de busca

A coleta de dados ocorreu nas bases *Science Direct*, *PsychINFO* e *Scopus*, considerando-se o período de 2014-2019. Os descritores foram consultados no banco de terminologias da Biblioteca Virtual em Saúde (www.bvs-psi.org.br), com exceção dos descritores relativos ao modelo contemplado (*Five Factor Model* ou *Big Five*), escolhidos por serem tradicionalmente utilizados. Assim, foram empregados os descritores (*Validity* ou *Construction*) AND (*Personality Inventory* ou *Personality Measures*) AND (*Five Factor Model* ou *Big Five*), cruzados entre si, compondo *strings* e viabilizando a localização de referências que apresentam os descritores conjuntamente. A partir do cruzamento dos três *clusters* de descritores, foram realizadas oito extrações individuais em cada base, utilizando-se o operador *booleano* AND, para presença de descritores no título, no resumo ou nas palavras chaves.

Critérios de elegibilidade

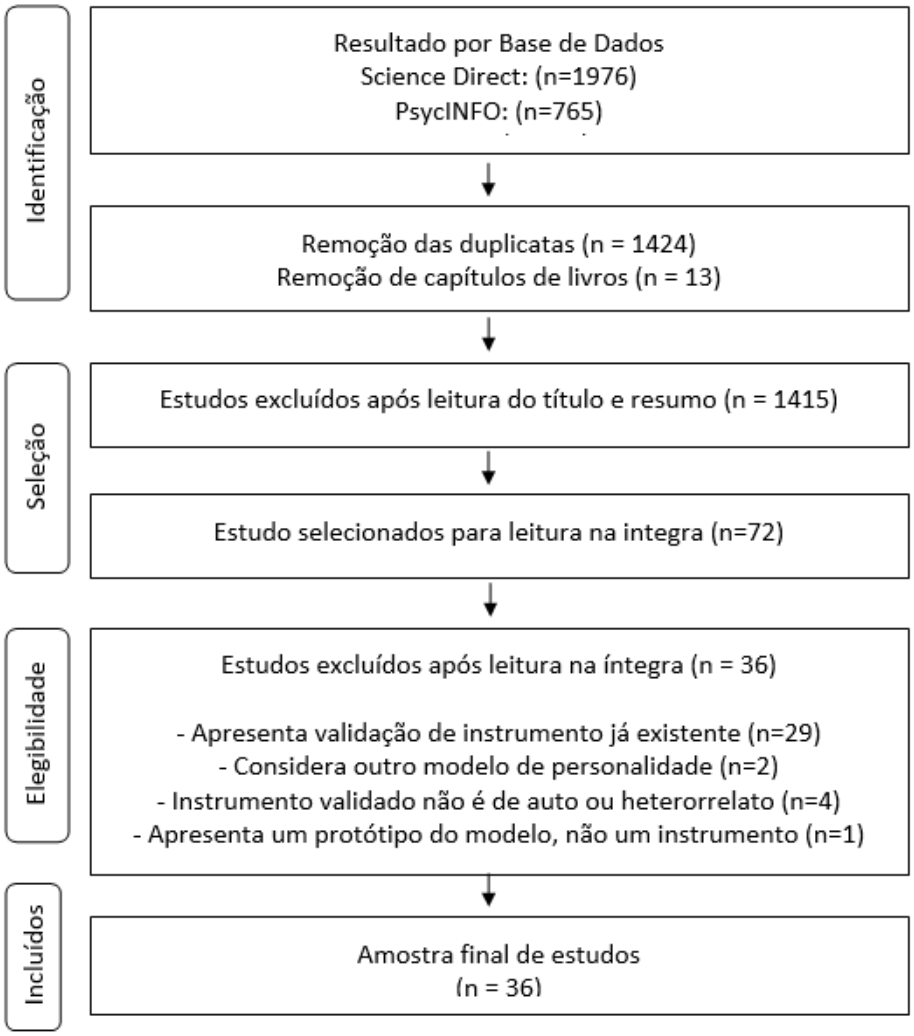
Foram considerados critérios de inclusão: a) Apresentar a construção ou adaptação de instrumento de medida da personalidade no modelo CGF; b) Estar publicado em inglês, espanhol ou português; c) Ter sido publicado entre 2014 e 2019 (data da coleta). Considerou-se como critérios de exclusão: a) Apresentar apenas evidência de validade de um instrumento já existente no contexto considerado; b) Não se tratar de um instrumento de auto ou de heterorrelato; c) Considerar outros modelos fatoriais como base para produção ou adaptação do instrumento.

Seleção dos estudos e extração dos dados

A extração dos dados foi realizada entre os dias 17/07 e 21/07/2019 por dois pesquisadores independentes. Os estudos repetidos foram excluídos com auxílio do software gerenciador de referências Zotero (George Mason University) e foram avaliados com a utilização do aplicativo de criação de planilhas eletrônicas Excel (Microsoft). Após remoção das duplicatas, os estudos foram avaliados por dois pesquisadores, e o resultado foi posteriormente comparado. As divergências foram apresentadas à um terceiro avaliador. Inicialmente foram selecionados 2924 estudos, dos quais 1424 foram excluídos por terem sido recuperados mais de uma vez e 13 por se tratar de capítulos de livros. Assim, o segundo passo da análise foi destinado a leitura de títulos e/ou resumos de 1487 estudos e exclusão de 1415 considerados inelegíveis. Setenta e dois estudos foram analisados na íntegra, dos quais 36 atenderam aos critérios propostos, conforme o exposto na Figura 1.

Figura 1

Diagrama de Fluxo de Amostra



Análise de qualidade

A amostra final foi composta por trinta e seis estudos. O país mais envolvido nas publicações foi o Estados Unidos (n=15), seguidos por Espanha (n=5) e Itália (n=4); um estudo foi realizado no Brasil. Em relação à qualidade das revistas, 17 foram classificadas como Qualis A1, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), duas como A2, quatro como B1 e uma como B2. Doze estudos foram publicados em revistas não avaliadas pela instituição. O Anexo A apresenta os estudos selecionados nessa amostra, referenciados por números que serão utilizados para discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação aos construtos que fundamentam os instrumentos propostos, vinte oito estudos buscaram mensurar a personalidade típica considerando os cinco fatores, enquanto dois estudos utilizaram o modelo na elaboração de protótipos para mensurar o perfil organizacional e a integridade. A mensuração da personalidade patológica também esteve presente nessa amostra. Três estudos consideraram o construto Narcisismo e um estudo considerou o Maquiavelismo; um instrumento buscou ainda mensurar a Personalidade Borderline e outro, a Personalidade Obsessiva-compulsiva. O uso do modelo CGF para mensuração de construtos que perpassam a personalidade típica têm sido bem documentados na literatura. Diversos estudos apresentam resultados favoráveis ao entendimento de que os transtornos mentais são melhor entendidos como variantes extremas da personalidade típica (Krueger & Eaton, 2010; Widiger, 1993).

Ademais, a literatura tem apontado que a estrutura do instrumento pode impactar de forma importante as respostas fornecidas pelos respondentes e, consequentemente, os resultados obtidos através dele (Schwarz, 1999). Cinco dos 36 estudos presentes nesta amostra apresentam a construção ou adaptação de medidas no formato heterorrelato, dois desses visando mensurar a personalidade de crianças através do relato dos responsáveis ou professores. Estes resultados corroboram com os apontamentos da literatura de que a avaliação de traços da personalidade tem sido tipicamente realizada através do autorrelato (Carvalho & Ambiel, 2017), sendo o heterorrelato uma prática menos utilizada, embora apresente alta precisão quando comparados ao autorrelato (Kim, Di Domenico, & Connelly, 2019). Diferentes características foram identificadas nos estudos que apresentaram medidas de autorrelato, embora todos sejam compostos por itens politômicos. Vinte e dois instrumentos são compostos por sentenças afirmativas descrevendo comportamentos para os quais os respondentes devem relatar o quanto se identificam com a afirmação. Quatro estudos utilizaram itens que consistem em dois descritores unipolares, três estudos mesclam comportamentos ou adjetivos a serem julgados, enquanto um instrumento foi composto por adjetivos ou pequenas expressões. Nesse contexto, o estudo 31 merece destaque, ao passo que, cada um dos cinco itens que compõem o instrumento possui duas afirmações características de pessoas com baixos e altos escores no fator que mensura, exigindo que o respondente se localize em uma escala de nove pontos posicionada entre os itens.

Considerações sobre o processo de construção de medidas

Para avaliação de variáveis específicas, os estudos presentes nesta amostra foram divididos em duas classes: dez foram classificados como construção, enquanto 26 tratavam-se de adaptações. Esta análise foi embasada pelo conceito de Borsa e Seize (2017) no qual o instrumento é considerado uma construção quando se trata de uma medida inédita nacional e internacionalmente. Embora essa definição seja clara, vários questionamentos surgiram entre os pesquisadores durante o processo de análise. Isso porque esperávamos que cada estudo classificado como construção pudesse fornecer informações sobre a aplicação dos processos propostos pela literatura. Entretanto, a multiplicidade de processos adotados incorreu na ausência de algumas etapas importantes em alguns estudos, como o processo de criação dos itens. Cita-se como exemplo dois estudos que propuseram medidas inéditas, utilizando-se de itens já existentes em outros instrumentos. No estudo 1 os autores construíram uma medida de Integridade usando como base um instrumento já existente para mensuração da personalidade típica, enquanto no estudo 4 o ineditismo da medida se dá pelas escolhas dos itens disponibilizados em domínio público e traduzidos para outro idioma.

A primeira informação que buscamos nos estudos classificados como construção diz respeito à etapa de planejamento, da qual destacamos as fases: a) identificação das construções ou domínios de conhecimento (Urbina, 2014), também chamado por Borsa e Seize (2017) de conceituação; e b) a delimitação prévia da população-alvo (Urbina, 2014). A revisão da literatura tem sido indicada como primeiro passo para a conceituação de construtos já consolidados, considerando que possibilita captar dados importantes acerca do conteúdo que expressa o traço latente (Borsa & Seize, 2017; Pacico, 2015), podendo incluir entrevistas individuais e grupos focais com a população-alvo (Zamanzadeh et al, 2015). Seis estudos (3, 4, 20, 21, 22, 26) descreveram ter utilizado a literatura existente como base para conceituação do construto. No caso específico do estudo os autores utilizaram um protótipo proposto previamente para mensurar o Maquiavelismo, construído a partir da identificação das facetas do modelo proposto por Costa e McCrae (1992) representativas do construto. Em contrapartida, no estudo 1 os autores consultaram especialistas para que selecionassem itens já existentes que representassem o construto, ao invés de utilizarem facetas para definir o modelo. Entrevistas foram utilizadas para conceituação do construto do estudo 27, no qual os autores investigaram um grupo de funcionários com diferentes perfis para identificar características relacionadas com um perfil profissional bem sucedido.

A prévia delimitação da população para a qual o instrumento se destinará permite ao pesquisador adequar os itens à linguagem, à faixa etária e ao nível cultural dos respondentes (Pacico, 2015; Pasquali, 2010). O efeito dessa delimitação para a elaboração do processo de

construção pode ser exemplificado com a análise de dois estudos presentes nessa amostra (21 e 26). Ambos utilizaram a estrutura geral do modelo considerando apenas os fatores para criação de uma escala reduzida. Porém, no estudo 26, o público-alvo foi específico de adolescentes até 18 anos, implicando em um procedimento prévio completamente diferente para cada um dos estudos. Enquanto os autores do estudo 21 consideraram marcadores gerais do modelo previamente propostos para a cultura, os autores do estudo 26 precisaram gerar um conjunto de itens que refletissem o vocabulário dos adolescentes contemporâneos, o que ampliou os procedimentos empíricos qualitativos com a realização de grupos focais. Embora a delimitação prévia da amostra seja tida como fundamental na literatura, dados referentes à população, em geral, são apresentados pelos pesquisadores apenas na descrição final das amostras utilizadas. A consequência da falta de atenção com esse procedimento pode ser observada no contexto brasileiro. Testes de personalidade aprovados para uso profissional no Brasil, destinados à avaliação de crianças e adolescentes, apresentaram divergências entre a idade indicada no manual e a idade apresentada nos dados normativos (Reppold et al., 2017), enquanto os testes destinados a adultos, embora apresentem maior coerência nesses dados, por vezes, cobrem uma ampla faixa etária que vai do início da vida adulta até faixas de idade bastante elevadas (Reppold et al., 2018).

Estratégias utilizadas no processo de criação dos itens podem ser identificadas a partir de oito dos dez estudos classificados como construção. Carvalho e Ambiel (2017) sugerem que a criação dos itens ocorra através da formação de um grupo de trabalho, considerando que isso enriquece o processo e minimiza o possível viés causado pela subjetividade de um único pesquisador. A descrição dos responsáveis por esta etapa, no entanto, não parece ser de grande interesse dos pesquisadores. Quatro estudos apresentaram os autores como responsáveis pela criação dos itens (03, 26, 30 e 35), sem identificar como o processo foi realizado. Dois estudos não deixam claro quais os envolvidos nesta etapa (21 e 27) e apenas dois estudos (20 e 22) referem que a construção foi realizada por especialistas. Além disso, Urbina (2014) sinaliza a necessidade de uma análise qualitativa dos itens por especialistas e revisores de contextos diferentes, garantindo a adequação do conteúdo e formato do item ao objetivo do teste e às populações para as quais o teste foi projetado, a clareza da expressão e a correção gramatical. Esse procedimento faz parte da busca de evidências de validade baseadas no conteúdo do instrumento, considerado por Zamanzadeh et al. (2015) um processo sistemático e subjetivo que deve garantir a relação entre definições teóricas e operacionais. Os resultados obtidos através dessa amostra apresentaram uma grande variação na forma como esse ponto foi tratado. Apenas três estudos apresentaram a avaliação de juízes objetivando verificar a adequação do item ao construto, nos quais observam-se diferenças no

processo. No estudo 20, os autores solicitaram também aos juízes que classificassem os itens considerando sua relevância, enquanto no estudo 22 os itens foram inicialmente avaliados por um filólogo espanhol em relação a sua gramática, ortografia e erros de estilo. Apenas no estudo 26 os juízes foram solicitados a comentar sobre a facilidade de leitura de cada item, considerando a redação e a estrutura.

De acordo com Pasquali (2010), a análise semântica dos itens deve incluir sujeitos da população-alvo com menor escolaridade, entretanto, nenhum dos estudos presentes nessa amostra submeteu os itens criados a essa análise. Observamos, no entanto, que o estudo 04, no qual itens já existentes foram traduzidos, os autores realizaram entrevistas a fim de avaliar a precisão, a inteligibilidade, a adequação e importância cultural de cada item. Nesse sentido, parece que os autores de instrumentos que propuseram a construção de itens apresentaram maior confiança de que esses eram compreensíveis pela população. Essa ausência de análises qualitativas representa um sinalizador bastante preocupante, em especial quando avaliamos as características das amostras que têm sido consideradas nas etapas quantitativas, geralmente utilizadas para seleção dos itens que irão compor o instrumento final. Três estudos (1, 4 e 21) utilizaram amostras compostas por indivíduos com graus de escolaridade variados. Em dois (1 e 21) a menor escolaridade apresentada pelos respondentes foi o ensino fundamental completo, enquanto no estudo 4 os autores relataram que apenas um participante não havia concluído o ensino fundamental. Três estudos (22, 30 e 35) utilizaram apenas alunos de graduação; e dois estudo (3 e 27) não citaram a escolaridade dos participantes da amostra. Os únicos estudos que consideraram uma amostra de indivíduos que ainda não haviam concluído o ensino médio (20 e 26), foram aqueles que se propuseram a construir instrumentos para avaliação do público adolescente. Há de se considerar que, embora com menor escolaridade, alunos em idade escolar geralmente mantêm uma rotina mínima de leitura. Ainda que as amostras considerassem indivíduos com menor escolaridade, os resultados presentes seriam preocupantes, uma vez que, embora o investimento em análises quantitativas cada vez mais refinadas esteja contribuindo para o avanço nesse campo, é necessário que os instrumentos sejam construídos com estratégias sólidas antes de serem submetidos a análises, sob pena de resultarem em um uso prático questionável (Ziegler, 2014).

Considerações sobre o processo de adaptação de medidas

Segundo Pacico (2015) o processo de adaptação de um instrumento é considerado mais simples se comparado ao processo de construção, o que possivelmente justifica que a maioria dos estudos que compõem essa amostra pertençam a essa categoria (n=26). No

entanto, a autora refere que esse processo apresenta pelo menos duas grandes desvantagens: a primeira diz respeito à dificuldade de adaptação de itens, que por vezes só fazem sentido em sua cultura de origem; e a segunda se refere à validade de conteúdo do instrumento, que pode ser prejudicada devido a variação cultural na expressão do traço latente. O processo de adaptação, tal como o processo de construção, não apresenta um padrão. Foram identificadas três subcategorias para este processo:

a) Adaptação transcultural, composta por doze estudos (2, 7, 8, 11, 12, 13, 15, 25, 31, 32, 33 e 36). Esse processo envolveu a tradução dos itens para um idioma diferente em onze desses estudos. A exceção se deu a partir de um processo de adaptação proposto devido à diferença cultural entre populações, embora o idioma fosse o mesmo. Dessas doze adaptações, apenas uma (7) foi proposta para um instrumento que já se encontrava em versão reduzida. Dessa forma, os autores não realizaram a tradução da versão completa, mas de uma versão que foi adaptada em seu número de itens considerando a cultura de origem.

b) Adaptação de formato, que comportou dois estudos (9 e 24) de adaptação de instrumentos inicialmente proposto no formato autorrelato para uma versão de heterorrelato. Ambos utilizaram a mesma técnica, na qual considerando os itens originais dos instrumentos, a classificação dos informantes foi criada a partir da alteração simples do pronome, por vezes, considerando a inserção de termos auxiliares para adequação ao novo idioma.

c) Adaptação no número de itens das medidas, composta por dez estudos (5, 6, 10, 14, 17, 18, 19, 28, 29 e 34) que apresentaram uma versão reduzida para um instrumento originalmente maior. Essa parcela da amostra não acrescentou dados significativos em relação às análises qualitativas uma vez que todos os estudos utilizaram técnicas quantitativas para realização do processo. Isso, no entanto, não pode ser avaliado como uma limitação desses estudos, tendo em vista que se entende que o instrumento original já passou por todas as etapas qualitativas, é justificável que os itens mais representativos desse conjunto sejam selecionados apenas de formas quantitativas.

Dois estudos não se encontram contabilizados nestas categorias. O primeiro deles (16) foi isolado por apresentar um processo bastante distinto dos demais, que poderia incluí-lo em pelo menos duas categorias. Os autores utilizaram um instrumento originalmente composto por 144 itens, dos quais selecionaram itens considerando as cargas fatoriais do instrumento original e algumas características de escrita. Após essa seleção, 43 itens foram traduzidos e submetidos a coleta de dados, que serviu de base para uma segunda redução, dando origem a um instrumento final com 38 itens. Já o segundo estudo ausente nessa classificação, trata-se de uma correção ou revisão, realizada a partir da identificação de inadequações na primeira tentativa adaptação do instrumento. Apenas os itens de dois fatores

da primeira adaptação que apresentaram coeficientes alfa de Cronbach inferiores ao da escala original foram revisados e retraduzidos, alcançando equivalência semântica com os originais e melhorando a consistência interna do instrumento.

A partir da análise de estudos norteadores (Borsa & Seize, 2017; ITC, 2017; Pacico, 2015), elencamos algumas variáveis relevantes e observáveis para o processo de adaptação, a saber: tradução, retrotradução e avaliação do público-alvo. Nesse contexto, apenas os doze estudos classificados como adaptações transculturais e os dois estudos não inseridos em nenhuma das categorias são passíveis de análises, visto que, nos demais subgrupos, essas variáveis não estão presentes. Todos os instrumentos pertencentes a esta parcela da amostra foram originalmente publicados em inglês e, adaptados para os idiomas: alemão, dinamarquês, espanhol, estoniano, francês, grego, italiano, polonês, português (Portugal), romeno e turco. A ITC (2017) aponta que a prática de considerar a versão apresentada por um único tradutor que se torna o responsável por todas as decisões já não é aceita atualmente. Oito, dos 14 estudos (2, 7, 11, 13, 15, 31, 32 e 33) referem explicitamente terem considerado pelo menos duas traduções independentes. Quatro estudos (12, 16, 23 e 25) não especificam de forma clara a participação de tradutores independentes, porém a descrição do procedimento não permite descartar a utilização dessa técnica; em apenas dois estudos fica claro a participação de apenas um profissional (8 e 36). A descrição dos passos realizados após a tradução não foi feita de forma detalhada pelos pesquisadores. Apenas seis estudos (2, 7, 11, 13, 15, 31) descrevem o processo incluindo a análise e a compilação das versões traduzidas através da análise das inconsistências. O procedimento de tradução reversa, no qual o instrumento original é traduzido para o novo idioma e retrotraduzido para o idioma de origem por profissionais diferentes, é uma das sugestões a serem consideradas nos processos de adaptação propostos pelas diretrizes da ITC (2017), e esteve ausente em apenas três estudos. Cabe, no entanto, avaliar essas ausências, uma vez que o próprio documento norteador (ITC, 2017) oferece outras possibilidades que não incluem a tradução reversa. Assim, apenas os estudos 11 e 16 apresentam fragilidade considerável em relação a descrição dos procedimentos para garantia da equivalência semântica entre versão original e versão adaptada. No estudo 11 os autores não realizaram uma análise de consistência entre a versão original e a traduzida, enquanto no estudo 16 o procedimento realizado foi resumido a uma consideração de que o conjunto de itens foi traduzido em colaboração com um dos autores do instrumento original.

Borsa et al. (2012) reitera a necessidade de que a população-alvo faça parte do processo de adaptação, como forma de garantir que a linguagem utilizada seja acessível ao público ao qual o instrumento se destina. Pacico (2015) sugere a realização de grupos focais

também para o processo de adaptação de instrumento. Segundo a autora, a realização dessa avaliação por uma parcela da população-alvo, além de garantir que o item seja adequadamente compreendido, também assegura que toda a expressão do traço latente seja abordada pelos itens do instrumento original. No entanto, as diretrizes da ITC (2017) indicam que as evidências de adequação do formato dos itens podem ser apresentadas através de ambas as estratégias, qualitativas e quantitativas. Possivelmente esse seja o motivo para a desvalorização dessa etapa na adaptação dos instrumentos observados. Doze estudos presentes nessa parcela da amostra não apresentaram análises qualitativas que envolvessem o público-alvo. A exceção ocorreu no estudo 11, citado anteriormente, no qual os autores investigaram o nível de dificuldade de entendimento dos itens com estudantes universitários; e no estudo 36, que se destaca por propor um aprimoramento semântico do instrumento adaptado, no qual uma amostra composta por dez voluntários foram entrevistados individualmente. Esses resultados corroboram com a afirmação de Zamanzadeh et al. (2015) de que as etapas qualitativas parecem estar sendo conduzidas de forma superficial pelos pesquisadores.

Tal como ocorreu com os estudos classificados como construção, a ausência da avaliação do público-alvo pode sinalizar limitações importantes para o uso dessas escalas, reafirmadas pela realização de avaliações das propriedades psicométricas como dados de amostras que compreendem apenas parte da população-alvo. A análise da escolaridade da amostra utilizada para validação dos instrumentos considerou os 26 estudos que compuseram a parcela da amostra caracterizada como estudos de adaptação. Nove estudos (8, 9, 11, 12, 14, 16, 25, 31 e 34) não apresentam dados sobre a escolaridade da amostra; oito estudos (6, 13, 18, 19, 23, 24, 28 e 29) utilizaram uma amostra inicial de alunos da graduação e uma segunda amostra geral, da qual não foi mencionada a escolaridade; e quatro estudos consideraram uma amostra composta exclusivamente de alunos da graduação (7, 10, 15 e 33). O estudo 5 considerou a mesma amostra utilizada para a construção do instrumento apresentada no estudo 4, uma vez que se tratou de uma versão reduzida do instrumento anteriormente proposto, no qual somente um participante não havia concluído o ensino fundamental; enquanto o estudo 2 refere ter utilizado uma amostra composta por estudantes de graduação e indivíduos que, em sua maioria, possuíam ensino médio. Já no estudo 36, os autores se limitaram a descrever que 70,7% possuía diploma universitário ou superior, sem detalhes sobre o restante da amostra. Nesse sentido, mesmo os dois estudos que descreveram de forma mais detalhada a escolaridade da população, não revelam amostras que abrangem a amplitude da escolaridade de seu público alvo. No estudo 17, a descrição da amostra evidenciou que apenas 6,1% da amostra possuía menos que o ensino fundamental completo,

enquanto o estudo 32 considerou uma amostra de 927 estudantes universitários e 627 adultos da população em geral, dos quais apenas 399 informaram esse dado, possibilitando afirmar apenas que 25% desses participantes não haviam concluído o ensino médio e 75% dos participantes possuíam pós-graduação. Nessa perspectiva, os estudos aqui expostos apresentam uma fragilidade advinda da desconsideração dos processos cognitivos envolvidos na tarefa de responder a um instrumento de autorrelato (Urbina, 2014), sobretudo, considerando que a compreensão de leitura envolve a integração de informações, a realização de inferências e a construção de significado por meio de contato e envolvimento com a linguagem escrita, tornando essa uma habilidade extremamente complexa (Cain & Oakhill, 2006).

CONCLUSÃO

Através de uma revisão sistemática da literatura, o presente estudo buscou identificar os procedimentos qualitativos que vêm sendo utilizados pelos pesquisadores engajados com a construção e adaptação de instrumentos de auto e heterorrelato, considerando o modelo CGF de personalidade. Trinta e seis estudos (dez classificados como construção e 26 classificados como adaptação) compuseram essa amostra e foram analisados. Possivelmente, devido à grande atenção que tem sido dada aos modelos fatoriais de personalidade, sobretudo ao modelo CGF, a conceituação do construto não parece apresentar desafios para os pesquisadores, mesmo quando existe a necessidade da criação de protótipos para mensuração de construtos diferentes a partir do modelo. Em contrapartida, a prévia delimitação da população para a qual o instrumento se destinará só foi considerada nos instrumentos direcionados às crianças e adolescentes. Embora essa delimitação prévia seja apresentada como uma etapa fundamental na literatura, esses dados, em geral, são apresentados pelos pesquisadores apenas na descrição final das amostras utilizadas, e, por vezes, de forma superficial.

Oito estudos apresentaram a construção de instrumentos incluindo a produção de itens, dos quais apenas dois referem que essa etapa foi realizada por um conjunto de especialistas, embora a literatura evidencie que esse procedimento minimiza os possíveis vieses desse processo. A análise qualitativa dos itens criados por revisores de contextos diferentes, bem como a análise semântica realizada pela população-alvo têm sido apontadas como parte fundamental da busca de evidências de validade baseadas no conteúdo dos instrumentos. No entanto, essas análises não têm recebido muita atenção. Quatro, desses oito estudos não apresentaram qualquer tipo de avaliação qualitativa dos itens por juízes após sua construção, enquanto a avaliação semântica por parte da população-alvo não foi realizada em nenhum deles. A ausência de análises qualitativas representa um sinalizador bastante preocupante, em especial quando as amostras que têm sido utilizadas para as análises quantitativas consideram de forma pífia indivíduos com menor escolaridade.

Os estudos presentes na amostra de adaptação foram divididos em três categorias distintas: adaptação transcultural, adaptação de formato e adaptação de comprimento. Considerando quatorze estudos que incluíram em seus procedimentos a tradução e adaptação de itens, elencamos algumas variáveis relevantes para este processo. Assim, as etapas de tradução e tradução reversa parecem estar recebendo considerável atenção por parte dos pesquisadores que, em geral, delegam essa tarefa a tradutores independentes e incluem procedimentos que visam minimizar possíveis vieses decorrentes do processo. Entretanto, tal

como ocorre nos instrumentos produzidos, a participação do público-alvo nesta etapa não parece ser vista como algo de maior importância pelos pesquisadores. É possível que análises quantitativas revelassem itens de difícil compreensão para população, e pudessem talvez justificar a ausência da etapa qualitativa. Contudo, a escolaridade da amostra também não se mostra uma variável de pleno interesse dos pesquisadores. Em muitos casos, essa variável não é citada ou a amostra é exclusiva de alunos de graduação; mesmo nos estudos em que a descrição está presente, a amostra é formada majoritariamente de indivíduos com alta escolaridade. Pesquisas futuras que utilizem técnicas submetendo os itens à avaliação qualitativa da população de menor escolaridade, podem vir a revelar importantes particularidades sobre esse processo, servindo de norteador para a produção de instrumentos que sejam adequados a essa população. Cabe ressaltar que o uso de instrumentos de autorrelato não se limita a mensuração do modelo CGF, ou mesmo do construto personalidade. Neste sentido, a consideração exclusiva deste modelo se configura como uma limitação deste estudo, bem como consideração de apenas cinco anos de publicações.

CAPÍTULO III

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO INICIAL DE UM INSTRUMENTO PARA MENSURAÇÃO DA PERSONALIDADE NO MODELO CGF

Ana Claudia Araujo da Cruz (UFRGS)
Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (UFSC)
Cláudio Simon Hutz (UFRGS)

RESUMO

A apresentação de evidências de validade baseadas no conteúdo é um pré-requisito para qualquer outra evidência de validade. No processo de produção de instrumentos de autorrelado essa apresentação deve incluir a exploração dos itens por meios qualitativos. Neste estudo apresentamos a construção de um instrumento de mensuração da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores. Um conjunto inicial de 547 itens foi elaborado e submetido à análise de juízes especialistas, processo que resultou em 57 exclusões e 166 alterações. Os 490 itens restantes foram submetidos à análise semântica, que incluiu uma amostra de 31 pessoas, 20 das quais não haviam completado o ensino fundamental. A partir da realização de 28 grupos focais e de 19 entrevistas cognitivas, outros 134 itens foram excluídos e 302 foram reelaborados. A descrição do processo de forma pormenorizada fomenta reflexões sobre a relevância da abordagem qualitativa para validação de escalas de autorrelato.

Palavras-chave: Cinco Grandes Fatores; Construção do teste; Validade do teste.

ABSTRACT

The presentation of evidence of validity based on content is a prerequisite for any other evidence of validity. In the process of producing self-reporting instruments, this presentation must include the exploration of items by qualitative means. In this study we present the construction of an instrument for measuring personality in the Five Factors Model. An initial set of 547 items was prepared and submitted to the analysis of expert judges, a process that resulted in 57 exclusions and 166 changes. The remaining 490 items were subjected to semantic analysis, which included a sample of 31 people, 20 of whom had not completed elementary school. From 28 focus groups and 19 cognitive interviews, another 134 items were excluded and 302 were reworked. The detailed description of the process encourages reflections on the relevance of the qualitative approach for validating self-report scales.

Keywords: Five Factor Model; Test Construction; Test Validity.

INTRODUÇÃO

Há mais de 80 anos, os inventários de autorrelato têm sido utilizados para realização de avaliações na psicologia (Ben-Porath, 2012). Em 1946, Ellis realizou uma extensa revisão de literatura que incluiu estudos de validação de instrumentos de autorrelato para mensuração da personalidade. Na época, o autor concluiu que o uso destes instrumentos era "de valor duvidoso na distinção entre grupos de indivíduos ajustados e desajustados, e de pouco valor no diagnóstico de ajustamento individual ou traços de personalidade" (Ellis, 1946). O avanço dos métodos estatísticos e a ampliação no entendimento do construto tornaram a maioria das considerações de Ellis obsoletas. O autorrelato se tornou o tipo de instrumento mais usado para a mensuração de traços de personalidade (Vazire, 2006), sendo atualmente considerado o mais adequado para isso (Carvalho & Ambiel, 2017). Entretanto, uma das questões identificadas pelo autor ainda parece ser bastante relevante: indivíduos diferentes interpretam os mesmos itens de maneiras diferentes (Ellis, 1946); e, possivelmente por isso, desenvolver e analisar itens para mensuração de construtos ainda é um dos principais desafios enfrentados pelos pesquisadores da psicologia (Beatty & Willis, 2007). Além disso, embora os inventários de personalidade não sejam construídos para mensurar questões cognitivas, em sua maioria envolvem este processo, já que dependem do entendimento da tarefa, da compreensão de leitura e do nível de vocabulário dos respondentes (Urbina, 2014).

Buscando ampliar o entendimento acerca dos mecanismos subjacentes utilizados para responder itens de autorrelato, Tourangeau & Rasinski (1988) propuseram um modelo de processo que inclui quatro estágios: a) a compreensão do item; d) a determinação do que se trata, a partir da recuperação de crenças relevantes (memórias de experiências específicas, situações gerais, imagens e sentimentos); c) o julgamento do item, com base nas crenças e sentimentos recuperados; e finalmente, d) o uso desse julgamento para selecionar uma resposta. Uma melhor compreensão do modelo proposto pelos autores perpassa pelo entendimento de que as etapas se influenciam sistematicamente. Assim, uma interpretação errônea do item ocasionaria a recuperação de crenças diferentes das esperadas, que daria origem à um julgamento equivocado e faria com que o respondente fornecesse uma resposta não condizente com o esperado pelo pesquisador, ou seja, o pesquisador acreditaria estar mensurando algo que, de fato, não está.

Tomemos como exemplo a situação ocorrida no processo de construção de uma escala para mensuração do fator Neuroticismo, que está sendo conduzido pelos professores doutores Cláudio Simon Hutz (Universidade Federal Rio Grande do Sul - UFRGS) e Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC).

Inicialmente pensado para mensuração da faceta Ansiedade, o item "*As pessoas me dizem para ter mais calma.*" revelou, durante o processo de investigação, que também estava capturando comportamentos representativos da faceta Raiva/Hostilidade. Neste sentido, a explicação para a diferença entre o resultado esperado e o resultado obtido pode ser atribuída ao segundo estágio de Tourangeau & Rasinski (1988). Alguns participantes responderam ao item a partir da recuperação de crenças "pedem para eu ter mais calma porque sou muito ansioso", enquanto outros recuperaram "pedem para eu ter mais calma porque sou muito agressivo". Buscando minimizar os vieses decorrentes deste processo, Pasquali (1998) elaborou uma lista com dez critérios a serem observados na construção de itens para um instrumento psicológico, sendo dois desses critérios especificamente pensados para minimizar imprecisões decorrentes dos dois primeiros estágios. O critério da simplicidade refere-se à necessidade de que o item expresse uma única ideia. Isso por que a introdução de explicações ou justificativas podem confundir o respondente; enquanto o critério da clareza preconiza que o item precisa ser inteligível inclusive para os indivíduos da população-alvo com menor escolaridade. Para que isso seja assegurado, Pasquali (1998) orienta a utilização de frases curtas e de expressões simples e de fácil compreensão, em detrimento de frases mais longas ou negativas, que podem denotar falta de clareza. Neste sentido, o autor ainda ressalta que a preocupação principal deve ser a compreensão das frases, não sua elegância artística.

O caso ocorrido na escala de Neuroticismo ilustra apenas uma, entre muitas situações em que apenas seguir os critérios propostos por Pasquali não garante que o item está mensurando de forma consistente a dimensão para qual que foi pensada. Neste sentido, Schwarz (1999) afirma que o ponto central não é se o respondente entendeu a questão, mas se este entendimento corresponde ao entendimento do pesquisador, ou seja, se a compreensão do entrevistado atinge o mesmo domínio, a mesma dimensão avaliativa para o qual o item foi criado. Desta forma, a qualidade do teste depende principalmente das unidades constituintes pelos quais a amostra do comportamento é coletada, ou seja, de seus itens (Urbina, 2014). Logo, é fundamental que os itens sejam submetidos a análise semântica, e que tenham suas características exploradas através de meios verbais, como entrevistas e discussões de grupo (Cohen, Swerdlik, & Sturman, 2014), que revelarão os processos cognitivos utilizados pelos respondentes, minimizando possíveis vieses nas respostas (Willis, 2005).

Neste sentido, a busca de evidências de validade baseadas no conteúdo (Pacico et al., 2015), pré-requisito para qualquer outra evidência de validade, deve receber atenção considerável no processo de desenvolvimento do instrumento (Zamanzadeh et al., 2015). Isso

inclui: a) o processo de construção dos itens, que deve ser realizado a partir de referencial teórico sólido, por pesquisadores capacitados (Pacico, 2015) e, se possível, por mais de um pesquisador (Carvalho & Ambiel, 2017); b) o processo de análise de juízes, que deve ser realizado por especialistas na área, com conhecimento sobre o construto a ser avaliado e sobre os critérios para construção de itens (Pacico, 2015) ; e c) avaliação dos itens pela população-alvo, que visa assegurar que o item está inteligível (Pasquali, 1998). O processo de análise semântica pode ser realizado em grupos ou individualmente (Pasquali, 2010). Duas técnicas são amplamente conhecidas e têm sido utilizadas neste processo: grupos focais e entrevistas cognitivas. Ambos os métodos incluem coleta de dados qualitativos. Entretanto, os dois têm origens distintas e são estruturados de formas diferentes (Guest, Namey, Taylor, Eley, & McKenna, 2017).

Grupo Focal

Os primeiros registros da utilização de grupos focais nas pesquisas qualitativas são da década de 1920, quando foram usados em enquetes que visavam conhecer a opinião pública. Em 1950, com a introdução da técnica nas ciências sociais, visando investigar as reações das pessoas à propaganda de guerra, o método ganhou mais popularidade (Kitzinger, 1994). Entretanto, o uso dos grupos focais não aumentou de forma sistemática, e somente na década de 1980, a técnica passou a receber maior atenção dos pesquisadores (Gatti, 2005). Embora seja uma forma de entrevista em grupo, é importante ressaltar que existe diferenças entre entrevistas coletivas e grupos focais. No caso específico dos grupos focais, a ênfase deve estar na interação entre os participantes do grupo, não apenas nas respostas individuais de cada participante (Gibbs, 1997). Oliveira e Freitas (1998) ressaltam que o destaque dos grupos focais na pesquisa qualitativa advém da riqueza e flexibilidade na coleta de dados, que dificilmente é alcançado com uso de entrevistas, e da espontaneidade na interação entre os participantes. Para os autores, este método apresenta vantagens em relação a entrevista individual, sendo uma técnica altamente eficiente. Os participantes sentem-se estimulados por pensamentos e comentários de outras pessoas, o que diminui a resistência e incentiva os sujeitos que inicialmente acreditam que não têm nada a dizer, a participarem de forma ativa (Robson e McCartan, 2016). Assim, é possível que diferentes perspectivas sejam expostas de forma ampla, favorecendo o entendimento dos processos através das representações que antecedem o julgamento e resposta dos participantes (Tourangeau & Rasinski, 1988).

Embora não tenham sido criados exclusivamente com intuito de verificar o entendimento de participantes acerca de itens de pesquisa, o uso para este fim encontra-se bem documentado na literatura. Nestes casos, cada grupo deve ter entre 3 e 5 participantes

(Pacico, 2015) e deve incluir indivíduos de ambos os polos, com menor e com maior escolaridade (Pasquali, 2010). Cada item deve ser apresentado oralmente ao grupo, que deve reproduzi-lo e explicar como o compreende. No caso de a compreensão não corresponder ao esperado pelo pesquisador, o item deve ser explicado aos integrantes do grupo que devem sugerir como ele poderia ser melhorado. Todas as sugestões devem ser anotadas e avaliadas (Pasquali, 2010). Itens não compreendidos facilmente devem ser excluídos ou alterados e, neste último caso, o item deverá passar por novos grupos focais (Pacico, 2015).

Entrevista Cognitiva

A técnica de entrevista cognitiva originou-se da psicologia cognitiva, em virtude de sua necessidade de compreender o processamento mental que ocorre durante a resposta de questionários (Miller et al., 2014). O processo de entrevista cognitiva envolve uma profunda investigação, que visa compreender o que passa pela mente dos participantes ao responderem a perguntas ou itens (Willis, 2005). Duas estratégias são geralmente consideradas para realização de entrevistas cognitivas: pensar em voz alta e sondagem verbal. Quando submetidos a estratégia de pensar em voz alta, os participantes são orientados a verbalizar os pensamentos que ocorrem enquanto respondem aos itens, enquanto o entrevistador apenas encoraja o participante, evitando ao máximo a interferência (Miller et al., 2014). Já a sondagem verbal, é caracterizada por um processo ativo de investigação do pesquisador a partir de questões pré-definidas que norteiam o entrevistado na verbalização dos processos mentais (Willis, 2005). Embora a literatura aponte uma diferença clara entre a estratégia de pensar em voz alta e a sondagem verbal, sobretudo no que diz respeito ao papel do entrevistador, o método mais utilizado é na verdade uma combinação de ambas as estratégias. Assim, o entrevistado é orientado a pensar em voz alta, mas o entrevistador faz questionamentos quando necessário, buscando incentivar o respondente a realizar este processo (DeMaio, Rothgeb e Hess, 1998). Possivelmente, o frequente uso de ambas as estratégias ocorra devido ao desempenho insuficiente apresentado por muitos participantes à estratégia de pensar em voz alta (Willis, 2018).

A entrevista cognitiva ainda pode ocorrer de forma simultânea, na qual os entrevistados relatam seus pensamentos no momento em que estão tendo contato com o item pela primeira vez; ou de forma retrospectiva, ocasião na qual os participantes inicialmente respondem a todo o instrumento e depois relatam o que pensaram durante o processo (Redline et al., 1998). Embora não se possa generalizar os resultados obtidos através da entrevista cognitiva, o método fornece informações importantes sobre como os entrevistados realmente

formulam suas respostas e sobre os tipos de erros que ocorrem durante esse processo (DeMaio, Rothgeb, & Hess, 1998).

Objetivo

Considerando o exposto, este estudo apresenta o processo de construção e validação inicial de um instrumento de autorrelato para mensuração da personalidade, fundamentado no modelo dos Cinco Grandes Fatores proposto por Costa e McCrae (1992). Com o propósito de produzir um instrumento acessível também à população com menor escolaridade, buscou-se alcançar os objetivos específicos: a) elaborar itens adequados também à esta população; b) apresentar evidência de validade baseada no conteúdo do teste, a partir da análise de juízes especialistas; e c) apresentar a análise semântica dos itens, realizada a partir de grupos focais e entrevistas cognitivas. Ambas as técnicas foram conduzidas com os mesmos objetivos, norteados pelos apontamentos de Miller et al. (2014), visando identificar possíveis dificuldades que os entrevistados experimentaram ao responder os itens, no que diz respeito ao vocabulário e a estrutura da sentença; e assegurar que a compreensão do item ocorre de acordo com a dimensão para o qual ele foi elaborado.

MÉTODO

Construção dos itens

A construção do novo instrumento seguiu o proposto por Pasquali (1998) e foi fundamentada no modelo de Costa e McCrae (1992). Este modelo é composto por cinco domínios amplos chamados de fatores, formados por 30 domínios específicos, chamados de facetas. Considerando a disponibilização da escala para mensuração do fator Neuroticismo que está em fase final de desenvolvimento, e será concedida pelos professores doutores Cláudio Simon Hutz (UFRGS) e Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (UFSC) para compor este novo instrumento, foi necessário elaborar itens representativos das 24 facetas que compõe os fatores Extroversão, Realização, Abertura e Socialização. Este processo iniciou com a exploração da literatura, na qual cada dimensão específica foi estudada de forma pormenorizada. Nesta etapa considerou-se, além do material produzido pelos autores do modelo, o estudo que desenvolveu marcadores para a avaliação da personalidade para o contexto brasileiro (Hutz et al., 1998). Também foram consultados os instrumentos já construídos no contexto nacional e internacional, incluindo o NEO-PI (Costa & McCrae, 1992) e o projeto internacional de pesquisa em personalidade, denominado *International Personality Item Pool* (http://ipip.ori.org/ipip/index.htm), além de estudos que correlacionam traços de personalidade com aspectos comportamentais.

O conceito de cada faceta foi debatido por três pesquisadores até que se chegasse a um consenso sobre sua definição constitutiva e operacional (Pasquali, 1998). Durante este processo foi necessário a realização de consultas à pesquisadores que não fizeram parte do processo de criação, o que foi considerado um procedimento complementar à revisão teórica (Pacico, 2015). Uma vez que se alcançou concordância, os itens passaram a ser sugeridos e avaliados pelo grupo antes de sua inclusão oficial no protocolo provisório. A escolha pela formação de um grupo de estudos para criação dos itens ocorreu em virtude do entendimento de que a realização desta etapa por mais de um profissional enriquece o processo e minimiza o possível viés causado pela subjetividade de um único pesquisador (Carvalho & Ambiel, 2017).

Análise de juízes

A avaliação dos especialistas tem como principal objetivo assegurar que os itens representam o construto para o qual foram elaborados (Zamanzadeh et al., 2015), sendo parte fundamental do processo de busca de evidências de validade baseadas no conteúdo (Pacico et al., 2015). Os juízes foram escolhidos considerando sua familiaridade com o modelo CGF

e a experiência com a construção de instrumentos de autorrelato, avaliadas por suas produções acadêmicas sobre o tema (Alexandre & Coluci, 2011; Pasquali, 2010). O contato inicial foi realizado por e-mail, no qual foram expostas as razões para a escolha do juiz e o objetivo do estudo, bem como o número de itens que seria necessário ajuizar (Anexo B). Frente a concordância em participar do estudo, os juízes receberam instruções (Anexo C) e um formulário para avaliação dos itens (Anexo D), documentos elaborados de acordo com o que sugere a literatura (Alexandre & Coluci, 2011; Pacico, 2015; Pasquali, 1998).

Devido ao grande número de itens criados na etapa inicial, a avaliação se deu de forma segmentada. Cada juiz recebeu um ou dois fatores para avaliação e, ao final deste processo, cada fator passou pela avaliação de três juízes, conforme sugerido por Pacico (2015). Os juízes foram convidados a avaliar cada item referente a sua clareza e a pertinência, em uma escala de quatro pontos, sendo: 1) ruim; 2) regular; 3) bom; e 4) ótimo. Itens com pontuação média inferior a três no que tange a sua clareza foram reelaborados, seguindo os apontamentos dos juízes; enquanto itens com pontuação média inferior a três no quesito pertinência foram excluídos. Todas as observações realizadas pelos juízes foram analisadas para elaboração da segunda versão do protocolo que foi submetido a análise semântica.

Análise semântica

Não existe, a priori, um número exato de grupos focais ou entrevistas cognitivas adequado para avaliação de itens de autorrelato. Considerando o objetivo de identificar itens possivelmente problemáticos, o tamanho da amostra deve ser suficiente para assegurar que todos os problemas tenham sido identificados (Willis, 2005). Neste estudo, foram considerados os apontamentos de Pacico (2015) de que geralmente três avaliações são suficientes para assegurar que o item é compreensível à população ao qual se destina.

Na primeira etapa deste processo, que ocorreu durante o ano de 2019 e inclui os fatores Abertura e Extroversão, foram realizados grupos focais (Pacico, 2015; Pasquali, 1998). Parte dos participantes eram trabalhadores das empresas terceirizadas de limpeza e manutenção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que, em sua maioria, possuíam baixa escolaridade. Também foram realizados grupos com estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). O número de integrantes por grupo seguiu o proposto por Pasquali (1998) e Pacico (2015), ficando entre três e quatro participantes. Cada encontro teve duração de no mínimo uma e no máximo duas horas. Devido ao grande número de itens, foram organizados blocos de acordo com as facetas que representam. Os grupos com os trabalhadores foram realizados no Instituto de Psicologia da UFRGS durante o horário de expediente e foram autorizados por

seus superiores. Os grupos com os universitários ocorreram na casa de um dos pesquisadores. Os locais em que os grupos ocorreram apresentavam estrutura adequada a proposta, com boa iluminação, mobílias apropriadas e estavam livres de distração.

Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Anexo E), que foi lido pelo pesquisador para que possíveis dúvidas pudessem ser elucidadas, e responderam ao questionário sociodemográfico (Anexo F). Os grupos foram conduzidos por um pesquisador treinado que seguiu um roteiro pré-elaborado, que incluiu a instrução: *"Vou ler uma frase para vocês e preciso que cada um me diga o que entendeu, ou seja, o que ela significa. Você pode dizer o que entendeu, a partir de pensamentos que você consideraria para responder o quanto esse item te representa."* Visando promover a participação de todos os integrantes, foram usadas frases, como: *"você concorda?"*, *"significa isso para você também?"* ou "*o que pensa sobre isso?"*. Além disso, buscou-se promover o diálogo entre os participantes, perpassando a simples resposta aos questionamentos. Os participantes também foram incentivados a propor outras formas de dizer o mesmo item, nos casos em que o entendimento não se fez claro. As pontuações foram então anotadas pelo pesquisador responsável pela condução do grupo e utilizadas para discussão realizada pelo grupo de trabalho, que avaliou cada item de forma qualitativa.

Considerando a questão de emergência de saúde pública instaurada, que suscitou a implantação de protocolos rígidos de segurança (Croda & Garcia, 2020), para completude do processo de avaliação dos fatores Realização e Socialização o método inicialmente planejado precisou ser reavaliado. Assim, optou-se pela realização de entrevistas cognitivas (Willis, 2005), considerando que nesta técnica apenas duas pessoas participam do processo de cada vez, facilitando o cumprimento dos protocolos estipulados (https://distanciamentocontrolado.rs.gov.br/). Se fez necessário também, assegurar que os participantes não seriam expostos a riscos adicionais, ou seja, que as entrevistas ocorreriam em um ambiente já frequentado pelos integrantes, independentemente de participarem ou não do estudo. Assim, foi realizado contato com uma entidade filantrópica que desenvolve suas atividades na cidade de Esteio, Rio Grande do Sul, para a qual foi proposta a realização das entrevistas no local. No contexto de saúde instaurado, esses centros foram impedidos de realizar palestras públicas ou encontros com fins religiosos, mas as atividades de apoio à população foram retomadas no mês de setembro de 2020, fazendo com que parte dos integrantes passassem a se reunir duas vezes por semana. As entrevistas foram realizadas após as atividades do grupo em um ambiente adequado, incluindo iluminação e mobílias apropriadas, e estando livres de distratores que pudessem prejudicar o andamento do processo. Cada entrevista teve uma duração que variou entre uma hora e uma hora e trinta.

Após contato inicial os participantes receberam o TCLE (Anexo E) e foram solicitados a responder ao questionário sociodemográfico (Anexo F). As entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora principal e seguiu um roteiro pré-elaborado, que incluiu a instrução: *"Vou ler algumas frases e você precisará responder o quanto cada uma lhe representa, em uma escala de 1 a 5, sendo: 1- não representa nada; e 5- te representa muito. Após ouvir o item, você precisa descrever os pensamentos que estão te guiando na escolha da resposta. Você pode relatar lembranças que está considerando e por que responderia de determinada forma".* Durante o processo, o entrevistador fez pontuações visando incentivar os respondentes a descreverem de forma detalhada seus pensamentos. Nos casos onde foram observadas dificuldades no entendimento, os participantes foram incentivados a propor outras formas de dizer o mesmo item. Nos casos em que o novo item sugerido se mostrou adequado, ele foi anotado e apresentado posteriormente em outras entrevistas para assegurar sua compreensão. As pontuações foram anotadas pelo pesquisador e utilizadas para discussão posterior.

Participantes

Treze juízes foram convidados para realizar a análise semântica dos itens, dos quais nove aceitaram. Sete doutores, um doutorando e um mestrando dos estados de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, participaram desta etapa. Trinta e uma pessoas participaram da etapa de avaliação semântica. Dados dos participantes de grupos focais e entrevistas cognitivas estão expostos na tabela 1.

Tabela 1

Dados da Amostra

	Grupos Focais N=23	Entrevistas N=8
Mulheres	16	6
Média de Idade	37,04	50,12
Intervalo de Idade	19 - 63	34 - 67
Etnia autodeclarada		
Branco	18	3
Pardo	1	4
Preto	4	1
Escolaridade		
Superior Incompleto	5	-
Ensino Médio Completo	4*	-
Ensino Fundamental Completo	1	1
7º ano do Ensino Fundamental	-	3
6º ano do Ensino Fundamental	2	2
5º ano do Ensino Fundamental	4	1
4º ano do Ensino Fundamental	3	-
3º ano do Ensino Fundamental	1	1
2º ano do Ensino Fundamental	3	-
Renda		
Até 1 salário mínimo	11	3
De 1 a 2 salários mínimos	3	5
De 2 a 5 salários mínimos	3	-
Mais de 5 salários mínimos	-	-
Prefiriu não declarar	6	-

* Dois integrantes completaram o Ensino Médio a partir do programa de Educação para Jovens e Adultos - EJA

RESULTADOS

Construção dos itens

Foram elaborados 547 itens contemplando 24 facetas (média de 136,7 itens por fator e de 22,8 itens por faceta), dos quais 57 foram excluídos do protocolo após análise dos juízes e 134 foram excluídos após análise semântica. Desta forma, 34,92% dos itens foram excluídos por serem de difícil compreensão, por suscitarem a recuperação de conteúdo idêntico a outro item já aprovado, por favorecerem a recuperação de conteúdos relacionados a outros domínios ou por mostrarem algum tipo de ambiguidade que desfavoreceu o processo de resposta. Os dados referentes ao processo estão expostos na tabela 2.

Tabela 2

Controle de Itens Excluídos em Cada Etapa da Análise

Fator / Faceta	Itens elaborados	Exclusão		Itens Aprovados
		Análise de Juízes	Análise Semântica	
Extroversão				
Acolhimento	24	1	7	16
Gregarismo	23	1	7	15
Assertividade	23	1	6	16
Atividade	21	1	6	14
Busca de Sensações	22	4	4	14
Emoções Positivas	23	1	7	15
Realização				
Competência	23	1	8	14
Ordem	24	0	9	15
Senso de Dever	23	3	5	15
Esforço por Realizações	21	1	7	13
Autodisciplina	23	0	8	15
Ponderação	21	0	5	16
Abertura				
Fantasia	23	5	3	15
Estética	22	1	5	16
Sentimentos	22	4	4	14
Ações Variadas	23	3	5	15
Ideias	23	2	6	15
Valores	24	2	6	16
Socialização				
Confiança	23	4	6	13
Franqueza	23	5	4	14
Altruísmo	25	4	5	16
Complacência	20	1	4	15
Modéstia	24	6	4	14
Sensibilidade	24	6	3	15
Total	547	57	134	356

Análise de juízes

A análise de juízes foi realizada no período de 15/07 ao dia 08/11/2019. A partir do recebimento do terceiro formulário de avaliação de cada fator, foi iniciado o processo de compilação e análise dos resultados pelo grupo de trabalho. O primeiro fator a alcançar completude foi Abertura, seguidos de Extroversão, Realização e Socialização. Ao final desta etapa 57 itens foram excluídos do protocolo. A tabela 3 apresenta exemplos de itens excluídos e pontuações realizadas pelos juízes.

Tabela 3

Exemplos de Itens Excluídos pela Análise de Juízes

Facetas	Item excluído	Observação dos Juízes
Extroversão		
Acolhimento	Não gosto muito de conversar com pessoas que não são próximas de mim.	Duas negativas na frase dificulta o raciocínio.
Assertividade	Eu dependo das outras pessoas para tomar decisões.	Item ruim, considerando variáveis externas que determinam as escolhas.
Busca de Sensações	Eu acho que seria excitante casar com alguém de uma país estrangeiro.	Item ambíguo e distante da realidade da maioria.
Realização		
Senso de Dever	Sou rigoroso com meus princípios éticos.	Item de difícil compreensão.
Esforço por Realizações	Estou satisfeito com a vida que levo.	Respostas podem ser afetadas pelo fator Neuroticismo.
Abertura		
Fantasia	Às vezes, crio coisas tão reais na minha cabeça que quase acredito nelas.	Respostas podem ser afetadas pelo fator Neuroticismo.
Sentimentos	Frequentemente experimento uma variedade de emoções e sentimentos.	Item parece avaliar aspectos patológicos.
Ações Variadas	Tenho dificuldades de sair da minha zona de conforto.	Interpretação do item pode extrapolar o que o item precisa avaliar.
Socialização		
Confiança	Pessoas muito extrovertidas normalmente não me passam confiança.	Item pode mensura aspectos patológicos (Extroversão Invasiva).
Franqueza	É importante que todos os impostos sejam pagos.	Reflete muito opinião e pouco comportamento.
Modéstia	Não me vejo como alguém especial.	Respostas podem ser afetadas pelo fator Neuroticistmo.
Sensibilidade	Os direitos de todos são igualmente importantes para mim.	Frase confusa.

Análise semântica

No período de 07/09 à 09/10/2019 foram realizados 16 grupos para avaliação de 120 itens do fator Abertura, com duração total de 18 horas e 30 minutos. Enquanto a avaliação dos 127 itens do fator Extroversão ocorreu no período de 10/10 à 06/02/2020, em 12 grupos que totalizaram 17 horas. Entrevistas cognitivas foram realizadas do dia 12/09 à 03/12/2020. Foram necessárias 10 entrevistas para avaliação de 130 itens do fator Realização, totalizando 12 horas; enquanto os 113 itens do fator Socialização foram avaliados em nove entrevistas, totalizando 11 horas e 30 minutos. Cabe ressaltar que cada item passou por três avaliações diferentes. Somados os itens dos dois fatores que passaram por grupos focais, os 247 itens (741 avaliações) precisaram de aproximadamente 35 horas e 30 minutos. Isso significa dizer que a cada hora os grupos focais avaliaram uma média de 20,8 itens. Enquanto, somados os itens dos fatores que passaram por entrevistas cognitivas, 243 itens (729 avaliações) precisaram de aproximadamente 23 horas e 30 minutos, uma média de 31 itens por hora.

A interação entre os participantes dos grupos é tratada como uma vantagem por defensores da técnica, considerando que diferentes perspectivas são expostas de forma ampla e simultaneamente (Gibbs, 1997). Embora este estudo não tenha a pretensão de comparar os dois métodos, considerando que o uso de ambas as técnicas se quer foi planejada no projeto inicial, o processo realizado permitiu evidenciar que muitos grupos exigem interferências frequentes por parte do pesquisador. Isso ocorre por que os conteúdos recuperados no processo de respostas mobilizam memórias muito específicas as quais os participantes desejam compartilhar e comparar com experiências dos colegas. Assim, é preciso considerar que a mesma interação que diminui a resistência de participantes e os faz produzir mais que em uma entrevista individual (Robson e McCartan, 2016), também pode tornar o processo de avaliação dos itens mais moroso, sem necessariamente acrescentar qualidade aos dados (Guest et al., 2017).

O processo realizado incluiu 490 itens avaliados em um total de aproximadamente 59 horas, resultando em 134 exclusões e 302 alterações (incluindo pequenas substituições que não implicaram em alterações de significado). Exemplos de itens excluídos após avaliação semântica são apresentados por fator nas tabelas 4A, 4B, 4C e 4D.

Tabela 4A

Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Extroversão

Faceta	Item	Justificativa da exclusão
Acolhimento	Sempre digo para as pessoas o quanto elas são importantes para mim.	Muitas pessoas tem dificuldades para verbalizar, mas demonstram de outras formas o quando se importam, e isso não significa que não sejam pessoas acolhedoras.
Gregarismo	Me sinto incomodado(a) quando estou entre muitas pessoas.	Diferentes agentes como ansiedade, hostilidade ou embaraço/constrangimento, todas facetas do fator Neuroticismo, foram relatados ao justificar a atribuição dada ao item.
Gregarismo	Fico tímido(a) quando preciso falar em grupo.	O conteúdo mental recuperado mensura o nível de vergonha e embaraço (Neuroticismo), e não a preferência pela necessidade de alta estimulação social (Extroversão).
Assertividade	Sempre aceito o que a maioria decide, mesmo que eu não concorde.	Aceitar a decisão da maioria está mais vinculado ao que o grupo chamou de 'maturidade emocional' ou à uma falta de escolha. Aceitar, não significa que você não defendeu seu ponto de vista.
Atividade	Nas minhas férias costumo apenas descansar.	Item se mostrou distante da realidade de muitos participantes. Situações particulares apresentadas mostraram que o item é inadequado para mensuração da faceta.
Busca de Sensações	Considero minha vida entediante.	Item não mensura adequadamente o traço latente. Se o respondente pontua alto, possivelmente o faz por necessidade de estimulação. Mas se pontua baixo, pode fazer por não necessitar destes estímulos, ou por já tê-los na quantidade em que deseja.
Emoções Positivas	Consigo me sentir bem comigo na maioria do tempo.	Conteúdos recuperados foram representativos de emoções como vergonha e embaraço (Neuroticismo). Os conteúdos recuperados não foram relativos a 'sentir-se bem na maioria do tempo', mas aos motivos que fazem com que, às vezes, o participante não se sinta bem.

Tabela 4B

Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Realização

Faceta	Item	Justificativa da exclusão
Competência	Sou muito rápido(a) para resolver problemas.	Resolver um problema rapidamente não significa que a solução foi eficiente. Significa apenas a pessoa agiu rapidamente (pode ter agido sem ponderar as consequências).
Competência	Eu sempre dou um jeito de fazer o que é preciso.	Item foi interpretado como se fosse uma medida de presunção ou arrogância. Indivíduos com pontuações altas, desrespeitariam as leis e as normas, em prol de seus desejos pessoais.
Ordem	A maioria das vezes não sei onde coloquei as coisas.	Apenas questões de memória foram relacionadas ao item. Quando questionados sobre a implicação da organização/ordem na interpretação do item, os participantes referiram não ter influenciado nas respostas.
Ordem	Costumo seguir uma rotina de tarefas.	Conteúdos recuperados revelam interferência da faceta Ações Variadas do fator Abertura. Além disso, 'rotina de tarefas' foi associada a atividade laboral que, portanto, nem sempre é uma escolha.
Senso de Dever	Respeitar os mais velhos é importante para mim.	Interpretação do item não revelou conteúdos relativos ao Senso de Dever. Observou-se que a interpretação dada é melhor explicada pela faceta Valores, do fator Abertura.
Esforço por Realizações	Sou uma pessoa ambiciosa (que busca o melhor).	A interpretação de 'pessoa ambiciosa' foi depreciativa pela maioria dos participantes. O entendimento foi de que, só pontuaria alto pessoas fizessem qualquer coisa, ainda que imoral, para alcançar um objetivo.
Autodisciplina	Frequentemente faço as coisas pela metade.	Pontuações revelaram uma interpretação situacional. Se alguém deixa as tarefas pela metade, pode ter sido interrompido por algo com maior importância (um superior hierárquico, um familiar).
Autodisciplina	Sou muito exigente nas coisas que faço.	Item capturou parcialmente conteúdos relativos à autodisciplina, não ficando claro a influência da faceta Competência.
Ponderação	Quase tudo que faço é pensado e planejado.	Afirmativa dupla impediu uma clareza no entendimento do item. É possível tomar uma atitude na qual o sujeito pensou, embora não tenha planejado.
Ponderação	Eu sou uma pessoa cuidadosa.	Interpretação do item ocorre a partir da recuperação de conteúdo relativo ao fator Socialização. Ser cuidadoso implicou em 'ser cuidadoso com pessoas'.

Tabela 4C

Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Abertura

Faceta	Item	Justificativa da exclusão
Fantasia	Minha imaginação produz histórias muito reais.	Interpretação do item foi bastante contaminado pelo fator Neuroticismo e incluiu histórias de traição ou situações onde fatos reais receberam interpretações a partir de distorções cognitivas.
Estética	Eu tenho muitos interesses artísticos.	Item foi interpretado como sinônimo de 'ter talentos artísticos'.
Estética	Se vejo algo que considero belo, fico emocionado.	Item bastante explorado pelos grupos. O consenso para 'algo que considero belo' referia-se a cenas envolvendo relações de afeto em geral (incluíam humanos e animais), em sua maioria, cenas assistidas em redes sociais. Poucos integrantes associaram o item às diversas formas da arte existentes.
Sentimentos	Tenho dificuldades em lidar com muitas emoções ao mesmo tempo.	Interpretação do item incluiu emoções externas. Dificuldade de lidar com a emoção que os outros demonstram estar sentindo como, raiva e ansiedade.
Ações Variadas	Eu gosto de surpresas.	Alguns participantes compreenderam o termo surpresa de forma positiva e, outros, como algo ambíguo ou negativo.
Ideias	Gosto de pensar sobre as teorias por trás das coisas.	Mesmo após discussão, poucos participantes relataram compreender o item. A palavra teoria não foi bem compreendida.
Ideias	Adoro assuntos curiosos.	Participantes não compreenderam 'assuntos curiosos' como interesses intelectuais, mas como situações fora do comum ocorridas com os pares.
Valores	Defendo minhas tradições.	O termo 'tradições' foi compreendido como algo distante, gerando dúvidas no processo de resposta.

Tabela 4D

Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Socialização

Faceta	Item	Justificativa da exclusão
Confiança	Quando compro algo, confiro meu troco.	O item não capturou comportamentos de confiança / desconfiança. Participantes que endossaram o item relataram que o fazem para assegurar que o atendente não cometeu algum erro.
Confiança	Quando um desconhecido me aborda na rua, fico com medo que me faça algum mal.	Interpretação do item é condicionado a situação, dificultando o processo de resposta. Participantes ressaltaram que depende de muitas variáveis.
Franqueza	Fico chateado quando alguém acha que sou uma pessoa mentirosa.	O entendimento do item não parece discriminar pessoas mais ou menos francas. Os participantes referem que se sentiriam chateados, mesmo se houvessem mentido.
Altruísmo	Quando vejo alguém dando uma "mancada" (gafe), me esforço para que a pessoa não se sinta mal.	Item de difícil interpretação. Alguns participantes consideraram gafes como situações vexatórias em que seria melhor fingir não ter percebido, ao invés de fazer algo para ajudar.
Complacência	Sou considerada uma pessoa revoltada (revolucionária).	Item não capturou complacência. O entendimento de 'revoltada (revolucionária)' como alguém que não cumpre regras favoreceu a recuperação de conteúdo representativo da faceta Valores (Realização).
Modéstia	Sou uma pessoa mais atraente do que a maioria das pessoas que conheço.	Embora alguns participantes tenham relatado entendimento compatível com modéstia, o item também recuperou questões de autoestima, não compatíveis com a definição da faceta.
Modéstia	Sou considerada uma pessoa exibida.	A compreensão do item foi acertada. O item, no entanto, é de difícil atribuição, uma vez que não é possível afirmar qual a opinião de outras pessoas.
Sensibilidade	Acredito que todos têm as mesmas oportunidades na vida.	Item não capturou sensibilidade. Participantes relataram diferentes motivos para não endossar o item. Frente a unanimidade na atribuição de pontos na escala (no caso, o valor mínimo de 1) o item foi excluído.

As tabelas 5A, 5B, 5C e 5D apresentam exemplos de itens que passaram por alterações.

Tabela 5A

Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Extroversão

Item original	Alterado	Observação
	Acolhimento	
Sempre estou disposto a conversar sobre o problema dos outros.	Costumo estar à disposição para ouvir os outros falando de seus problemas.	Embora parte dos integrantes tenham recuperado conteúdos adequados, 'conversar sobre o problema dos outros' foi interpretado como especulação, indiscrição e intromissão.
	Gregarismo	
Prefiro lugares onde não tenham muitas pessoas.	Prefiro ir a lugares em que não vou encontrar muitos conhecidos.	Conteúdos mentais recuperados foram relativos a simples presença de outras pessoas e ao desconforto que isso pode ocasionar (como em um ônibus, por exemplo). A alteração favoreceu a recuperação de conteúdos mentais adequados.
	Assertividade	
Quando me sinto injustiçado (a) eu tento me defender.	Quando as pessoas não são justas comigo eu tento me defender.	O item se revelou adequado para mensuração da assertividade, a alteração foi sugerida devido a dificuldade apresentada por alguns participantes na compreensão do termo 'injustiçado'.
	Busca de Sensações	
Gosto de fazer coisas que são consideradas proibidas.	Gosto da sensação de fazer coisas proibidas.	O processo de resposta foi influenciado pela desejabilidade social, uma vez que 'gostar de fazer coisas proibidas' foi interpretado como um traço não aceitável na sociedade. A alteração do item minimizou essa influência e capturou de forma aceitável conteúdos referentes a faceta mensurada.

Tabela 5B

Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Realização

Item original	Alterado	Observação
	Senso de Dever	
Só faltaria ao trabalho se estivesse realmente muito doente.	Só faltaria ao trabalho se não houvesse outra opção.	O processo de resposta revelou problemas referentes a mensuração da faceta. Pessoas com alto Senso de Dever ainda podem faltar ao trabalho por outras questões importantes, que não o próprio adoecimento.
	Esforço por Realizações	
Quando eu quero algo corro atrás até conseguir.	Quando quero algo me esforço até conseguir.	Ao contrário do que foi pensado pelos pesquisadores, o uso da linguagem coloquial não favoreceu os processos de respostas. O item foi visto com desconfiança por alguns participantes.
	Ponderação	
Durante minha vida já fiz muitas coisas estúpidas.	Já fiz escolhas ruins por não medir as consequências.	O item inicial não capturou conteúdos adequados a mensuração da faceta. O item alterado foi submetido novamente à análise, e mostrou-se adequado.

Tabela 5C

Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Abertura

Item original	Alterado	Observação
	Fantasia	
Imagino como as coisas serão no futuro.	Gosto de imaginar como as coisas serão no futuro.	O item inicial não discriminou os participantes com mais ou menos Abertura a Fantasia. A alteração foi melhor interpretada, fazendo com que os participantes se identificassem melhor no *continuum* do traço.
	Estética	
Costumo ir a exposições artísticas.	Costumo ir a eventos culturais.	O item foi relatado como distante da realizada do grupo. A alteração sugerida acarreta em um risco, sendo possível que este item capture também conteúdos referentes a Atividade (Extroversão). Os pesquisadores optaram por assumir o risco e observar como o item se comporta nas análises fatoriais posteriores.
	Ideias	
Eu me questiono sobre a natureza do universo.	Eu me questiono sobre como o universo começou.	A palavra natureza, conforme foi utilizada, não foi entendida facilmente pelo grupo. Sugestões foram realizadas após a explicação do entrevistador e os conteúdos recuperados foram compatíveis com o que a faceta pretende mensurar.
	Valores	
Percebo que meus valores morais tem mudado com o tempo.	Meus valores pessoais tem mudado com o tempo.	O uso da palavra 'moral' foi problematizado pelos participantes, uma vez que foi interpretado como algo externo, pertencente a sociedade, não ao indivíduo. A substituição se mostrou adequada.

Tabela 5D

Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Socialização

Item original	Alterado	Observação
	Confiança	
Não acredito que alguém possa fazer o bem sem querer algo em troca.	Conheço pessoas que fazem o bem sem querer nada em troca.	A amplitude do item inicial dificultou a recuperação de conteúdos próximos a realidade. O item alterado recuperou conteúdos adequados a faceta.
	Altruísmo	
Sempre que posso faço caridade.	Sempre que posso, ajudo quem precisa.	O termo 'caridade' foi entendido como algo relacionado a pessoas com grande poder aquisitivo. As pequenas ações de auxílio não foram entendidas como caridade.
As pessoas devem sempre pensar em si mesmo em primeiro lugar.	Acredito que é natural que as pessoas pensem em si mesmas primeiro.	Item inicial foi influenciado pela desejabilidade social. A alteração do item minimizou essa influência e se demonstrou adequado para recuperação de conteúdos referentes a faceta mensurada.
	Sensibilidade	
Ser bem sucedido depende apenas do esforço de cada um.	Eu acredito que qualquer um pode ser bem sucedido, desde que se esforce para isso.	A estrutura da fase dificultou o entendimento e julgamento do item. A alteração se mostrou adequada para mensuração.

As etapas descritas resultaram em 191 exclusões, dando origem a um banco de 356 itens considerados adequados para compor o protocolo final. As tabelas 6 apresentam exemplos de itens que compõe este protocolo.

Tabela 6

Exemplos de Itens Que Compõe o Protocolo Final

Extroversão
Acolhimento
Costumo estar disponível para ajudar meus amigos.
É difícil para mim manter amizades.
Gregarismo
Prefiro ir a lugares em que não vou encontrar muitos conhecidos.
Gosto de estar na companhia de muitas pessoas.
Assertividade
Sou uma pessoa confiante para tomar decisões.
Acredito que sou incapaz de liderar um grupo.
Atividade
Gosto de ter uma vida agitada.
Quase sempre me falta energia para fazer as coisas.
Busca de Sensações
Gosto da sensação de estar em risco.
Prefiro atividades sem emoção.
Emoções positivas
Tento sempre ver as coisas pelo lado positivo.
Tenho poucos motivos na vida para agradecer.

Realização
Competência
Me sinto preparado(a) para lidar com a maioria dos meus problemas.
Sou uma pessoa realizada com minhas conquistas.
Ordem
Eu gosto de planejar antes de fazer as tarefas.
Dedico pouco tempo organizando minhas coisas.
Senso de dever
Com frequência me atraso.
Eu cumpro regras mesmo que ninguém esteja olhando.
Esforço para realizações
Esforço-me para atingir meus objetivos.
Vivo um dia de cada vez, sem muitos planos.
Autodisciplina
Procuro não deixar as tarefas para a última hora.
Costumo adiar o inicio de tarefas que considero cansativas.
Ponderação
Penso nas consequências antes de tomar decisões.
Constumo me arrepender de coisas que fiz sem pensar.

Tabela 6 – continuação

Abertura
Fantasia
Sou uma pessoa com muita imaginação.
Considero-me uma pessoa com pouca criatividade.
Estética
Meu interesse por arte é pequeno.
Procuro reparar na beleza que está ao meu redor.
Sentimentos
Considero-me uma pessoa sentimental.
Sou menos emotivo(a) do que a maioria das pessoas.
Ações variádas
Eu realmente gosto de manter uma rotina.
Tenho curiosidade de conhecer lugares novos.
Ideias
Gosto de buscar novos conhecimentos.
Prefiro atividades que não me façam pensar muito.
Valores
Acredito que as tradições devem ser mantidas.
Considero-me uma pessoa que aceita as diferenças.
Socialização
Confiança
Acredito que as pessoas podem usar o que eu digo contra mim.
Eu confio no que as pessoas dizem.
Franqueza
Se fosse preciso, eu mentiria para obter o que quero.
Falo a verdade mesmo que ela não seja agradável.
Altruísmo
Sempre que posso, ajudo quem precisa.
Acredito que sou uma pessoa um pouco egoísta.
Complacência
Frequentemente me envolvo em discussões por ter uma opinião diferente.
Já aceitei ofensas para não piorar as coisas.
Modéstia
Prefiro não falar sobre minhas conquistas.
Eu percebo que muitas pessoas tem inveja de quem eu sou.
Sensibilidade
Acredito que as pessoas que tem mais precisam dividir com quem tem menos.
Acredito que alguns programas sociais deixam as pessoas preguiçosas.

DISCUSSÃO

Embora não exista consenso entre os pesquisadores sobre como deve ser realizado o processo de construção de um instrumento (Borsa & Seize, 2017; Pacico, 2015), a consideração de princípios já estabelecidos na literatura de forma cuidadosa pode assegurar que produto final se trate de uma medida válida (Cohen, Swerdlik, & Sturman, 2014). Este estudo descreve o processo de criação e de busca de evidências de validade inicial para uma nova escala de mensuração da personalidade. O processo foi realizado considerando os apontamentos dos principais autores do tema e, sobretudo, considerando o aspecto fundamental do uso procedimentos qualitativos (Urbina, 2014). A partir da formação de um grupo de trabalho composto por três pesquisadores, que teve o intuito de minimizar os vieses causados pela subjetividade de um único pesquisador (Carvalho & Ambiel, 2017), foram elaborados 547 itens contemplando 24 facetas que compõe quatro fatores do modelo. Buscando assegurar que os itens criados representam o domínio que o instrumento busca mensurar (Zamanzadeh et al., 2015), o protocolo foi submetido a análise de três juízes especialistas, que foram solicitados a avaliar cada um dos itens no que tange sua clareza e pertinência na faceta para o qual foi construído. Após esta análise, que envolveu um total de nove especialistas, 57 itens foram excluídos do protocolo e 166 foram reelaborados.

A análise semântica, que busca identificar itens possivelmente problemáticos, foi realizada a partir de grupos focais (Pasquali, 1998) e entrevistas cognitivas (Willis, 2005). Foram realizados 28 grupos focais e 19 entrevistas cognitivas para avaliação de 490 itens. Foram necessárias aproximadamente 59 horas para completude do processo, que resultou em 134 exclusões e 302 alterações. Devido a peculiaridades da técnica, o processo realizado a partir dos grupos focais demandou de mais tempo que o processo realizado a partir das entrevistas cognitivas. As exclusões representam 34,92% dos itens inicialmente construídos. Dentre os principais problemas apontados pelos especialistas encontra-se a interferência de outras facetas no processo de resposta e a formulação de itens imprecisos. Enquanto os principais problemas identificados a partir da análise semântica dizem respeito a possibilidade de diferentes interpretações para o mesmo item, palavras de difícil compreensão e situações ambíguas, dados que corroboram com os apontamentos de Gehlbach & Brinkworth (2011). Também foram excluídos do protocolo itens da mesma faceta que apresentavam compreensão e recuperação de conteúdos muito semelhantes, indicando que possivelmente tratavam-se da mesma medida.

Algumas interpretações peculiares apresentadas ao longo do processo de avaliação semântica foram discutidas pelos pesquisadores, mas desconsideradas devido ao

entendimento de que eram extremamente singulares. No item "*considero-me uma pessoa pouco curiosa*", por exemplo, o adjetivo 'curioso' foi associado a pessoas que tem por hábito investigar fatos ocorridos com os outros detalhadamente. Ou seja, o item foi avaliado por um participante a partir do entendimento de que ser curioso é ser intrometido, indiscreto ou fofoqueiro. Entretanto, os demais participantes apresentaram entendimento adequado e, apesar da conotação pejorativa que um participante atribuiu ao adjetivo, o item capturou bem comportamentos relativos à faceta Ideias, do fator Abertura. Em casos onde essas características de peculiaridade foram observadas, o grupo de trabalho optou por manter os itens no protocolo e observar como se comportam frente às análises estatísticas posteriores.

No que diz respeito ao processo realizado, algumas considerações precisam ser registradas. A formação de um grupo de trabalho de três pesquisadores para elaboração dos itens buscou minimizar possíveis vieses (Carvalho & Ambiel, 2017). Entretanto, é preciso considerar que os três pesquisadores envolvidos eram da mesma região de um país multicultural. Além disso, todos realizaram o mesmo curso de graduação, o que faz com que tenham hábitos de leitura semelhantes, bem como acesso a um vocabulário característico. A mesma questão precisa ser observada no processo de análise de juízes. A escolha dos juízes ocorreu considerando suas experiências (Alexandre & Coluci, 2011; Pasquali, 2010), e os professores convidados pertenciam a regiões distintas do país. Entretanto, considerando os professores que aceitaram participar do processo, o corpo de juízes deste estudo foi composto apenas por representantes dos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Embora, o objetivo desta etapa da avaliação seja assegurar que os itens são representativos do construto em questão (Zamanzadeh et al., 2015), a presença de representantes de outros estados teria enriquecido este processo, considerando que à validade de conteúdo do instrumento pode ser afetada pela variação cultural na expressão do traço latente (Pacico, 2015). Uma última limitação foi observada pelos pesquisadores após a completude do processo. A lista de itens foi apresentada oralmente em todos os grupos e entrevistas, seguindo a mesma ordem. Isso significa que não é possível afirmar que conteúdos recuperados em itens anteriores não tenham afetado a interpretação dos itens avaliados posteriormente. É possível que a avaliação de um item tenha 'facilitado' a compreensão dos demais, visto que visam mensurar o mesmo domínio. Pesquisas futuras com a realização do mesmo método se beneficiariam do uso de protocolos variados, e a submissão dos itens à leitura em voz alta por parte dos respondentes poderia fornecer informações importantes sobre seu nível de fluência.

A situação de saúde pública instaurada (Croda & Garcia, 2020), impediu a condução do processo conforme o planejado no início do projeto. A solução proposta visou amenizar

os impactos causados através da substituição de grupos focais por entrevistas cognitivas, alternativa igualmente válida e de qualidade semelhante. De fato, não existe consenso na literatura sobre qual dos métodos é o mais adequado (Guest et al., 2017). Embora, se tratem de métodos diferentes, acredita-se que o processo foi conduzido de forma satisfatória e a utilização de técnicas distintas não prejudicou os resultados. Assim como nas etapas de produção e análise de juízes, é preciso considerar as características dos envolvidos no processo. Todos os participantes da amostra eram residentes de Porto Alegre ou Grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (RS), e apenas um participante nasceu em outro estado (Piauí), tendo se mudado para o RS ainda criança. Neste sentido, embora a produção deste novo instrumento tenha seguido as etapas preconizadas na literatura, e a condução do processo tenha ocorrido de forma a minimizar o máximo possível de vieses do processo, o protocolo de itens que compõe o instrumento até o momento não está livre de vieses culturais. Assim, os pesquisadores envolvidos nesse processo estão cientes que essa característica precisará ser considerada nas próximas etapas de validação do instrumento, quando serão apresentadas suas propriedades psicométricas, que incluirão indivíduos de outros estados do país.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

A personalidade é um dos construtos mais antigos e mais controversos da psicologia. A compreensão de como ela se constitui e de como suas partes interagem de forma singular em cada indivíduo ainda é considerada uma tarefa audaciosa, que faz com que nenhuma teoria ou modelo existente seja suficiente para desvendá-la completamente. Atualmente, o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade tem sido considerado o mais promissor. As cinco dimensões que o compõe são conjuntos de diferentes tendências cognitivas, afetivas e comportamentais que permitem agrupamentos distintos de domínios menores, chamados facetas. Entretanto, ainda existem divergências sobre quais e quantas facetas devem compor o modelo, fazendo com que coexistam modelos com diferentes estruturas. Embora não existam evidências que permitam afirmar qual o melhor modelo de cinco fatores, os pesquisadores incentivam a avaliação à nível de faceta, considerando que isso aumenta a acurácia, apresentando resultados mais fidedignos e apurados, capazes de predizer melhor os aspectos idiossincráticos de cada indivíduo. Nesse contexto, Costa e McCrae propuseram uma estrutura composta por 30 facetas, seis para cada um dos cinco domínios, que acabou por se tornar a mais pesquisada, tendo sido replicado em mais de 50 países e revelando um alto nível de consistência transcultural.

Além das divergências que permeiam as pesquisas de personalidade no que diz respeito ao modelo que melhor a explicaria, a própria forma de mensuração do construto ainda é alvo de inúmeras discussões entre os pesquisadores. Atualmente, o autorrelato é o tipo de instrumento mais usado para a mensuração de traços de personalidade, embora várias críticas ainda sejam feitas ao método. Uma das principais críticas direcionadas a este tipo de instrumento se refere a possibilidade de que os itens sejam entendidos de forma diferente pelos respondentes. Ainda que os pesquisadores concordem sobre a necessidade de que a produção de instrumentos com esse fim siga princípios já estabelecidos, não existe consenso sobre as etapas que devem compor o procedimento de construção. A proposta de um modelo de processo de resposta favoreceu estudos da área, dando origem a uma série de estudos reiterando a necessidade de que os itens de autorrelato sejam avaliados através de métodos qualitativos. A complexidade deste processo fez com que alguns autores o defendessem como etapa fundamental que deveria anteceder qualquer outro processo de busca por evidência de validade.

Nesse contexto, este trabalho comporta dois estudos, nos quais buscou-se inicialmente investigar o uso de estratégias qualitativas como método de avaliação de evidências de validade baseada em conteúdo, durante o processo de produção de instrumentos para mensuração da personalidade; e posteriormente, apresentar as etapas qualitativas que compuseram a criação de um novo instrumento. O primeiro estudo utilizou-se da metodologia de revisão sistemática da literatura para identificar os procedimentos qualitativos utilizados pelos pesquisadores para construção e adaptação de instrumentos de auto e heterorrelato no modelo CGF. Os resultados obtidos revelaram um cenário no qual algumas etapas apontadas como fundamentais no processo têm sido negligenciadas. Diferenças no processo de construção e adaptação foram consideradas para análise dos 36 estudos que compuseram essa amostra. Tida como uma etapa de suma importância no processo de construção de um novo instrumento, a conceituação do construto parece não apresentar desafios para os pesquisadores, mesmo quando protótipos são criados a partir do modelo de personalidade típica. Possivelmente, este resultado fale mais sobre a solidez do modelo CGF, do que de fato sobre a práticas dos pesquisadores. Considerando que o modelo de personalidade abordado é o mais pesquisado atualmente, não é surpresa que sua conceituação se encontre bem fundamentada. Não é possível, no entanto, afirmar que a etapa de conceituação receba igual importância na construção de instrumentos que envolvam outros construtos psicológicos menos estudados.

Esperava-se que no processo de construção, etapas como a análise de juízes e análise semântica estivessem presentes na maioria dos estudos que compuseram a amostra. Entretanto, apenas metade dos estudos de construção recorreram a análise de juízes como forma de validação, enquanto nenhum deles considerou utilizar análise semântica pela população alvo. Nos estudos de adaptação que consideraram a tradução de itens, as etapas de tradução e retrotradução parecem bastante consolidadas. Mas, como verificado nos estudos de construção, a avaliação semântica por parte da população-alvo não recebeu maior importância. Em ambos os processos (construção e adaptação) também se observou uma participação muito pequena de indivíduos de baixa escolaridade nas amostras usadas para análises quantitativas, contribuindo para que os instrumentos tenham um uso prático questionável.

O segundo estudo presente neste trabalho apresentou o processo realizado na construção de um instrumento para mensuração da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores proposto por Costa e McCrae (1992). Considerando o propósito de produzir um instrumento acessível também à população com menor escolaridade, buscou-se elaborar itens adequados e apresentar evidência de validade baseada no conteúdo. A partir da

formação de um grupo de trabalho, 547 itens foram construídos e avaliados por juízes especialistas, que revelaram 57 itens inadequados; 490 itens restantes foram avaliados pela população alvo, dos quais 134 foram excluídos e 302 foram reelaborados. Dentre os principais problemas identificados após a avaliação estavam: itens que permitiam mais de uma interpretação, palavras de difícil compreensão e situações ambíguas. O banco final aprovado é composto por 356 itens, representando 24 facetas de quatro fatores. Isso significa dizer que o conjunto de itens aprovados é formado por uma média de 14,8 itens por fator. Soto e John (2019) sugerem que existe um "ponto ideal de comprimento de escala", que estaria entre seis e nove itens por faceta. Considerando estes achados, o número de itens aprovados é suficiente para que o banco seja submetido a análises estatísticas, nas quais, parte dos itens ainda será excluído.

Através deste trabalho, buscou-se refletir brevemente sobre a história do modelo CGF de personalidade e sobre como a avaliação do construto vem evoluindo através dos tempos. Além disso, buscou-se contribuir para discussão acerca do uso de estratégias qualitativas na busca de evidências baseadas em conteúdo para instrumentos de autorrelato. Embora ambos os estudos tenham sido norteados pelo modelo de personalidade CGF, o uso das estratégias propostas para esclarecimento sobre o processo de resposta utilizado pelos entrevistados pode ser útil também no processo de construção de instrumentos destinados a outros construtos de interesse da psicologia. Assim, espera-se que o trabalho exposto possa fomentar reflexões sobre a relevância das abordagens qualitativas na construção de escalas de autorrelato, contribuindo para o aprimoramento da área.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta pesquisa foi realizada de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde) e faz parte de um projeto de pesquisa maior aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde, sob o título "Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva". Os participantes do estudo foram informados acerca dos objetivos, meio de coleta e análise dos dados e garantia de confidencialidade. Os dados da pesquisa serão mantidos no Instituto de Psicologia da UFRGS e o acesso será restrito aos pesquisadores do grupo.

REFERÊNCIAS

Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, *16*(7), 3061-3068. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006

Allik, J., Church, A. T., Ortiz, F. A., Rossier, J., Hřebíčková, M., De Fruyt, F., Realo, R., McCrae, R. R. (2017). Mean profiles of the NEO Personality Inventory. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *48*(3), 402-420. https://doi.org/10.1177/0022022117692100

Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation.* Holt.

Allport, G. W., & Odbert, H. S. (1936). Trait-names: A psycho-lexical study. *Psychological Monographs*, *47*(1), i-171. https://doi.org/10.1037/h0093360

Gibbs, A. (1997). Focus groups. *Social research update*, *19*(8), 1-8. Retirado de https://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU19.html

Beatty, P. C., & Willis, G. B. (2007). Research synthesis: The practice of cognitive interviewing. *Public Opinion Quarterly*, *71*(2), 287-311. https://doi.org/10.1093/poq/nfm006

Ben-Porath, Y. S. (2012). Self-report inventories: Assessing personality and psychopathology. J. R. Graham, J. A. Naglieri, & I. B. Weiner (Eds.), *Handbook of psychology: Assessment Psychology* (p. 622–644). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781118133880.hop210024

Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. In B. Damasio, & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 15-38). São Paulo: Vetor.

Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia*, *22*(53), 423-432. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014

Cain, K., & Oakhill, J. (2006). Profiles of children with specific reading comprehension difficulties. *British Journal of Educational Psychology*, *76*(4), 683-696. https://doi.org/10.1348/000709905X67610

Carvalho, L.F. & Ambiel, R.A.M. (2017). Construção de instrumentos psicológicos. In Damásio, B. F., & Borsa, J. C. (Eds.). *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp.39-54). Vetor.

Cattell, R. B. (1946). *Description and measurement of personality*. World Book Company.

CFP (2018). Resolução que estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo e regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI. *Resolução 09/2018.* Retirado de https://satepsi.cfp.org.br/legislacao.cfm

Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica: Introdução a testes e medidas*. AMGH Editora.

Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *Neo Personality Inventory-revised (NEO PI-R)*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1995). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, *64*(1), 21-50. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6401_2

Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1998). Trait theories of personality. In D. F. Barone, M. Hersen, & V. B. Van Hasselt (Eds.), *The Plenum series in social/clinical psychology. Advanced Personality* (p. 103–121). Plenum Press. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-8580-4_5

Costa, P. T., McCrae, R. R., Flores-Mendoza, C. E., Primi, R, Nascimento, E., & Nunes, C. S. S. (2008). *Inventário de personalidade NEO revisado - Manual profissional para uso no Brasil.* São Paulo, SP: Vetor Editora.

Croda, J. H. R., & Garcia, L. P. (2020). Resposta imediata da vigilância em saúde à epidemia da COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, *29*(1). https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100021

DeMaio T. J., Rothgeb J. & Hess J. (1998) Improving survey quality through pretesting. In *Proceedings of the Section on Survey Research Methods* (vol. 3, pp. 50–58), American Statistical Association. Retirado de https://www.census.gov/srd/papers/pdf/sm98-03.pdf

DeYoung, C. G., Quilty, L. C., & Peterson, J. B. (2007). Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, *93*(5), 880-896. https://doi.org/10.1037/0022-3514.93.5.880

Digman, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, *41*, 417-440. https://doi.org/10.1146/annurev.ps.41.020190.002221

Ellis, A. (1946). The validity of personality questionnaires. *Psychological Bulletin, 43*(5), 385–440. https://doi.org/10.1037/h0055483

Endler, N. S., & Magnusson, D. (1976). Toward an interactional psychology of personality. *Psychological Bulletin, 83*(5), 956-974. https://doi.org/10.1037/0033-2909.83.5.956

Eysenck, H. J. (1952). *The scientific study of personality.* Macmillan.

Fiske, D. W. (1949). Consistency of the factorial structures of personality ratings from different sources. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, 44*(3), 329-344. https://doi.org/10.1037/h0057198

Freitas, H. M. D., & Oliveira, M. (1998). *Uma aplicação de grupo focal: planejamento versus realização*. Fundação Editora de UNESP.

Galton, F. (1884). Measurement of character. *Fortnightly, 36*(212), 179-185. Retirado de http://galton.org/essays/1880-1889/galton-1884-fort-rev-measurement-character.pdf

Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.* Liber Livro**.**

Gehlbach, H., & Brinkworth, M. E. (2011). Measure twice, cut down error: A process for enhancing the validity of survey scales. *Review of General Psychology, 15*(4), 380-387. https://doi.org/10.1037/a0025704

Gleitman, H., Reisberg, D., & Gross, J. (2003). *Psicologia 7ª. Edição*. Artmed.

Goldberg, L. (1990). An alternative "description of personality": The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology, 59*(6), 1216-1229. https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.6.1216

Goldberg, L. R. (1982). From ace to zombie: Some explorations in the language of personality. In C. D. Spielberger & J. N. Butcher (Eds.), *Advances in personality assessment* (Vol. 1, pp. 203-234). Lawrence Erlbaum.

Graziano, W. G., & Eisenberg, N. (1997). Agreeableness: A dimension of personality. In R. Hogan, J. Johnson, & S. Briggs (Eds.), *Handbook of Personality Psychology* (pp.795-824). Academic Press. https://doi.org/10.1016/B978-012134645-4/50031-7

Graziano, W. G., & Tobin, R. M. (2017). Agreeableness and the Five Factor Model. In T. A. Widiger (Ed.), *The Oxford handbook of the Five Factor Model* (p. 105–132). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199352487.013.17

Guest, G., Namey, E., Taylor, J., Eley, N., & McKenna, K. (2017). Comparing focus groups and individual interviews: Findings from a randomized study. *International Journal of Social Research Methodology, 20*(6), 693-708. https://doi.org/10.1080/13645579.2017.1281601

Hofstee, W. K., de Raad, B., & Goldberg, L. R. (1992). Integration of the big five and circumplex approaches to trait structure. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*(1), 146-163. https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.1.146

Hutz, C. S., Nunes, C. H. S. da S., Silveira, A. D., Serra, J. G., Anton, M. C., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *11*(2), 395-411. https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200015

International Test Commission. (2017). *The ITC guidelines for translating and adapting tests (Second edition).* https://www.intestcom.org/ . Translation authorized by Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).

John, O. P., Angleitner, A., & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, *2*(3), 171-203. https://doi.org/10.1002/per.2410020302

Kean, J. (2020). Paul T. Costa Jr. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 25-28). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781118970843.ch5

Kern, M. L. (2020). Conscientiousness. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 123-127). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch22

Kim, H., Di Domenico, S. I., & Connelly, B. S. (2019). Self–other agreement in personality reports: A meta-analytic comparison of self-and informant-report means. *Psychological Science*, *30*(1), 129-138. https://doi.org/10.1177/0956797618810000

Kitzinger, J. (1994). The methodology of focus groups: The importance of interaction between research participants. *Sociology of Health & Illness*, *16*(1), 103-121. https://doi.org/10.1111/1467-9566.ep11347023

Krueger, R. F., & Eaton, N. R. (2010). Personality traits and the classification of mental disorders: Toward a more complete integration in DSM–5 and an empirical model of psychopathology. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, *1*(2), 97. https://doi.org/10.1037/a0018990

Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, *33*(1), 159-174. https://doi.org/10.2307/2529310

Lee, K., & Ashton, M. C. (2004). Psychometric properties of the HEXACO personality inventory. *Multivariate Behavioral Research*, *39*(2), 329-358. https://doi.org/10.1207/s15327906mbr3902_8

Lima, M. P. D., & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, *18*(2), 171-179. Retirado de

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312000000200003

McCrae, R. R. (2013). Exploring trait assessment of samples, persons, and cultures. *Journal of Personality Assessment*, *95*(6), 556-570. https://doi.org/10.1080/00223891.2013.821075

McCrae, R. R. (2015). A more nuanced view of reliability: Specificity in the trait hierarchy. *Personality and Social Psychology Review*, *19*(2), 97-112. https://doi.org/10.1177/1088868314541857

McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2008). The Five-Factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (p. 159-181). The Guilford Press.

McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist, 52*(5), 509-516. https://doi.org/10.1037/0003-066X.52.5.509

McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the Five-Factor model and its applications. *Journal of Personality*, *60*(2), 175-215. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x

McCrae, R. R., & Sutin, A. R. (2009). Openness to experience. In M. R. Leary & R. H. Hoyle (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 257–273). The Guilford Press.

McCrae, R. R., Costa, P. T., & Martin, T. A. (2005). The NEO-PI-3: A more readable revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, *84*(3), 261-270. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8403_05

McDougall, W. (1929). The chemical theory of temperament applied to introversion and extroversion. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, *24*(3), 293-309. https://doi.org/10.1037/h0075883

McDougall, W. (1932). Of the words character and personality. *Journal of Personality*, *1*(1), 3-16. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1932.tb02209.x

Miller, K., Chepp, V., Willson, S., & Padilla, J. L. (Eds.). (2014). *Cognitive interviewing methodology*. John Wiley & Sons.

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *Annals of internal medicine*, *151*(4), 264-269. https://doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135

Mõttus, R., Kandler, C., Bleidorn, W., Riemann, R., & McCrae, R. R. (2017). Personality traits below facets: The consensual validity, longitudinal stability, heritability, and

utility of personality nuances. *Journal of Personality and Social Psychology*, *112*(3), 474-490. https://doi.org/10.1037/pspp0000100

Navas, A. L. G. P., Pinto, J. C. B. R., & Dellisa, P. R. R. (2009). Avanços no conhecimento do processamento da fluência em leitura: da palavra ao texto. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, *14*(4), 553-559. https://doi.org/10.1590/S1516-80342009000400021

Nichols, A. L., & Pace, V. L. (2020). Five Factor model, facets of. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 203-207). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch34

Norman, W. T. (1963). Toward an adequate taxonomy of personality attributes: Replicated factors structure in peer nomination personality ratings. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, *66*(6), 574-583. https://doi.org/10.1037/h0040291

Noronha, A. P. P., Ziviani, C., Hutz, C. S., Bandeira, D., Custódio, E. M., Alves, I. B., Alchieri, J. C., Borges, L. O., Pasquali, L., Primi, R., & Domingues, S. (2002). Em defesa da avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, *1*(2), 173-174. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000200010

Nunes, C. H. S. S. Hutz, C. S. & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): Manual técnico.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nunes, C.H.S.S., Zanon, C., & Hutz, C. S. (2018). Avaliação de personalidade a partir de teorias fatoriais de personalidade. In C. S. Hutz, D.R. Bandeira, &C.M. Trentini, (2018). *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. (pp. 217-232). Artmed.

Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, &C. M. Trentini, (2015). *Psicometria* (pp. 55-70). Artmed.

Pacico, J. C., Hutz, C. S., Schneider, A. M. A & Bandeira, D. R., (2015). Validade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 71 - 84). Artmed.

Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, *25*(5), 206-213. Retirado de https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-228044

Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas.* Artmed.

Paunonen, S. V., & Ashton, M. C. (2001). Big Five factors and facets and the prediction of behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, *81*(3), 524-539. https://doi.org/10.1037/0022-3514.81.3.524

Primi, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: Fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26*(spe), 25-35. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500003

Redline, C., Smiley, R., Lee, M., & DeMaio, T. (1998). Beyond concurrent interviews: An evaluation of cognitive interviewing techniques for self-administered questionnaires. In *Proceedings of the section on survey research methods, American Statistical Association*. Retirado de http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.77.9422

Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O processo de construção de escalas psicométricas. *Avaliação Psicológica*, *13*(2), 307-310. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200018&lng=pt&tlng=pt

Reppold, C. T., Serafini, A. J., Gurgel, L. G., Magnan, E. D. S., Damion, M., Kaiser, V., & Almeida, L. D. S. (2018). Análise de manuais de testes psicológicos aprovados pelo Satepsi para avaliação de adultos. *Psicologia: Teoria e Prática*, *20*(3), 100-120. http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n3p100-120

Reppold, C. T., Serafini, A. J., Ramires, D. A., & Gurgel, L. G. (2017). Análise dos manuais psicológicos aprovados pelo SATEPSI para avaliação de crianças e adolescentes no Brasil. *Avaliação Psicológica*, *16*(1), 19-28. http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1601.03

Robson, C., & McCartan, K. (2016). *Real world research*. John Wiley & Sons.

Rolland, J.P. (2002). Cross-cultural generalizability of the Five-Factor model of personality. In R.R. McCrae & J. Allik (Eds), *The Five-Factor model of personality across cultures* (pp. 7-29). Kluwer Academic.

Samuel, D. B., & Widiger, T. A. (2008). A meta-analytic review of the relationships between the Five-Factor model and DSM-IV-TR personality disorders: A facet level analysis. *Clinical Psychology Review*, *28*(8), 1326-1342. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2008.07.002

Saucier, G., & Ostendorf, F. (1999). Hierarchical subcomponents of the Big Five personality factors: A cross-language replication. *Journal of Personality and Social Psychology*, *76*(4), 613-627. https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.4.613

Schwarz, N. (1999). Self-reports: How the questions shape the answers. *American Psychologist*, *54*(2), 93. https://doi.org/10.1037/0003-066X.54.2.93

Soto, C. J., & John, O. P. (2019). Optimizing the length, width, and balance of a personality scale: How do internal characteristics affect external validity? *Psychological Assessment*, *31*(4), 444-459. https://doi.org/10.1037/pas0000586

Thurstone, L. L. (1934). The vectors of mind. *Psychological Review*, *41*(1), 1-32. https://doi.org/10.1037/h0075959

Tobin, R. M., & Graziano, W. G. (2020). Agreeableness. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 105-110). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781118970843.ch19

Tourangeau, R., & Rasinski, K. A. (1988). Cognitive processes underlying context effects in attitude measurement. *Psychological Bulletin*, *103*(3), 299–314. https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.299

Tupes, E. C., & Christal, R. E. (1992). Recurrent personality factors based on trait ratings. *Journal of Personality*, *60*(2), 225-251. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00973.x

Urbina, S. (2014). *Essentials of psychological testing*. John Wiley & Sons.

Vazire, S. (2006). Informant reports: A cheap, fast, and easy method for personality assessment. *Journal of Research in Personality*, *40*(5), 472-481. https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.03.003

Walker, D. L. (2020). Extraversion-Introversion. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 159-163). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch28

Widiger, T. A. (1993). The DSM-III-R categorical personality disorder diagnoses: A critique and an alternative. *Psychological Inquiry*, *4*(2), 75-90. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0402_1

Willis G. (2018) Cognitive interviewing in survey design: State of the science and future directions. In: D. Vannette, J. Krosnick (eds). *The Palgrave handbook of survey research.* Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-54395-6_14

Willis, G. B. (2005). *Cognitive interviewing: A tool for improving questionnaire design*. SAGE Publications.

Woods, S. A., & Anderson, N. R. (2016). Toward a periodic table of personality: Mapping personality scales between the five-factor model and the circumplex model. *The Journal of Applied Psychology*, *101*(4), 582-604. https://doi.org/10.1037/apl0000062

Xie, D., & Cobb, C. L. (2020). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R). In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Measurement and assessment* (pp. 335-350). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781118970843.ch127

Zamanzadeh, V., Ghahramanian, A., Rassouli, M., Abbaszadeh, A., Alavi-Majd, H., & Nikanfar, A. R. (2015). Design and implementation content validity study: Development of an instrument for measuring patient-centered communication. *Journal of Caring Sciences*, *4*(2), 165. https://doi.org/10.15171/jcs.2015.017

Zhang, F. (2020). Neuroticism. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 281-286). John Wiley & Sons. https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch47

Ziegler, M. (2014). Stop and state your intentions!: Let's not forget the ABC of test construction. *European Journal of Psychological Assessment*, *30*(4), 239-242. https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000228

Ziegler, M., & Bäckström, M. (2016). 50 facets of a trait - 50 ways to mess up? *European Journal of Psychological Assessment*, *32*(2), 105-110. https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000372

ANEXO A

Referências de Estudos da Amostra

1 Catano, V. M., O'Keefe, D. F., Francis, R. E., & Owens, S. M. (2018). Construct?based approach to developing a short, personality?based measure of integrity. *International Journal of Selection and Assessment, 26* (1), 75-92.

2 Chiorri, C., Bracco, F., Piccinno, T., Modafferi, C., & Battini, V. (2015). Psychometric properties of a revised version of the Ten Item Personality Inventory. *European Journal of Psychological Assessment, 31* (2), 109-119.

3 Collison, K. L., Vize, C. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2018). Development and preliminary validation of a five-factor model measure of Machiavellianism. *Psychological Assessment, 30* (10), 1401-1407.

4 Cupani, M., & Lorenzo-Seva, U. (2016). The development of an alternative IPIP inventory measuring the Big-Five factor markers in an Argentine sample. *Personality and Individual Differences, 91* , 40-46.

5 Cupani, M., Lorenzo-Seva, U., Korzeniowski, C.G., Azpilicueta, A.E. (2019). Elaboración de la versión breve del Cuestionario de Personalidad IPIP- Revisado: Control del sesgo de respuesta aquiescencia. *Acta Colombiana de Psicología, 22* (1), 261-272.

6 DeShong, H. L., Mullins-Sweatt, S. N., Miller, J. D., Widiger, T. A., & Lynam, D. R. (2016). Development of a short form of the five-factor borderline inventory. *Assessment, 23* (3), 342-352.

7 Eksi, F. (2016). The Short Form of the Five-Factor Narcissism Inventory: Psychometric equivalence of the Turkish Version. *Educational Sciences: Theory & Practice, 16* (4), 1081–1096.

8 Fountoulakis, K. N., Siamouli, M., Moysidou, S., Pantoula, E., Moutou, K., Panagiotidis, P., Kemeridou, M., Mavridou, M., Loli, E., Batsiari, E., Preti, A., Tondo, L., Gonda, X., Mobayed, N., Akiskal, K., Akiskal, H., Costa, P., & McCrae, R. (2014). Standardization of the NEO-PI-3 in the Greek general population. *Annals of General Psychiatry, 13* (1), 36.

9 Fronczyk, K. (2019). Congruence and measurement invariance of self-report and informant-ratings of the Big Five dimensions. *Personality and Individual Differences, 139* , 7-12.

10 Griffin, S. A., Suzuki, T., Lynam, D. R., Crego, C., Widiger, T. A., Miller, J. D., & Samuel, D. B. (2018). Development and examination of the Five-Factor Obsessive-Compulsive Inventory–Short Form. *Assessment, 25* (1), 56-68.

11 Gross, M. N. & Cupani, M. (2016). Adaptación de los 100 ítems IPIP para medir los Cinco Grandes Factores. *Revista Mexicana de Psicología, 33* (1), 17-29.

12 Guido, G., Peluso, A. M., Capestro, M., & Miglietta, M. (2015). An Italian version of the 10-item Big Five Inventory: An application to hedonic and utilitarian shopping values. *Personality and Individual Differences, 76* , 135-140.

13 Ispas, D., Iliescu, D., Ilie, A., & Johnson, R. E. (2014). Exploring the cross-cultural generalizability of the five-factor model of personality: The Romanian NEO PI-R. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 45* (7), 1074-1088.

14 Johnson, J. A. (2014). Measuring thirty facets of the Five Factor Model with a 120-item public domain inventory: Development of the IPIP-NEO-120. *Journal of Research in Personality, 51* , 78-89.

15 Łaguna, M., Bąk, W., Purc, E., Mielniczuk, E., & Oleś, P. K. (2014). Short measure of personality TIPI-P in a Polish sample. *Roczniki Psychologiczne, 17* (2), 421-437.

16 Laidra, K., De Fruyt, F. & Konstabel, K. (2017). Assessing childhood personality with the Estonian short version of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC). *Personality and Individual Differences 112* , 31–36.

17 Lara, R. M. M., Moreno-Jiménez, B., García, L. F., Chávez, A. P. & De Santiago, M. V. M. (2015). Validez factorial del NEO-FFI en una muestra Mexicana: Propuesta de una versión reducida. *Revista Mexicana de Psicología 32* (1), 57–67.

18 Maples-Keller, J. L., Williamson, R. L., Sleep, C. E., Carter, N. T., Campbell, W. K., & Miller, J. D. (2019). Using item response theory to develop a 60-item representation of the NEO PI–R using the international personality item pool: Development of the IPIP–NEO–60. *Journal of Personality Assessment, 101* (1), 4-15.

Referências de Estudos da Amostra (continuação)

19 Maples, J. L., Guan, L., Carter, N. T., & Miller, J. D. (2014). A test of the International Personality Item Pool representation of the Revised NEO Personality Inventory and development of a 120-item IPIP-based measure of the five-factor model. *Psychological Assessment, 26* (4), 1070-1084.

20 Morizot, J. (2014). Construct validity of adolescents' self-reported big five personality traits: Importance of conceptual breadth and initial validation of a short measure. *Assessment, 21* (5), 580-606.

21 Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Escala reduzida de descritores dos cinco grandes fatores de personalidade: prós e contras. *Psico, 46* (1), 79-89.

22 Nieto, M. D., Abad, F. J., Hernández-Camacho, A., Garrido, L. E., Barrada, J. R., Aguado, D., & Olea, J. (2017). Calibrating a new item pool to adaptively assess the Big Five. *Psicothema, 29* (3), 390-395.

23 Nunes, A., Limpo, T., Lima, C. F., & Castro, S. L. (2018). Short scales for the assessment of personality traits: development and validation of the Portuguese Ten-Item Personality Inventory (TIPI). *Frontiers in Psychology, 9* , 461.

24 Oltmanns, J. R., Crego, C., & Widiger, T. A. (2018). Informant assessment: The Informant Five-Factor Narcissism Inventory. *Psychological Assessment, 30* (1), 31.

25 Ortet, G., Martínez, T., Mezquita, L., Morizot, J., & Ibáñez, M. I. (2017). Big Five Personality Trait Short Questionnaire: Preliminary validation with spanish adults. *The Spanish Journal of Psychology, 20* (e7), 1-11.

26 Rogers, M. E., & Glendon, A. I. (2018). Development and initial validation of the Five-Factor Model Adolescent Personality Questionnaire (FFM–APQ). *Journal of Personality Assessment, 100* (3), 292-304.

27 Sartori, R., Ceschi, A., Costantini, A., & Scalco, A. (2016). Big Five for work and organizations: FLORA (Role Related Personal Profile), an Italian personality test based on the Five-Factor Model and developed for the assessment of candidates and employees. *Quality & Quantity, 50* (5), 2055-2071.

28 Sherman, E. D., Miller, J. D., Few, L. R., Campbell, W. K., Widiger, T. A., Crego, C., & Lynam, D. R. (2015). Development of a Short Form of the Five-Factor Narcissism Inventory: the FFNI-SF. *Psychological assessment, 27* (3), 1110-1116.

29 Soto, C. J. & John, O. P. (2017). Short and extra-short forms of the Big Five Inventory–2: The BFI-2-S and BFI-2-XS. Journal of Research in Personality 68, 69-81.

30 Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of personality and social psychology, 113* (1), 117-143.

31 Spörrle, M., & Bekk, M. (2014). Meta-analytic guidelines for evaluating single-item reliabilities of personality instruments. *Assessment, 21* (3), 272-285.

32 Storme, M., Tavani, J. L., & Myszkowski, N. (2016). Psychometric properties of the French Ten-Item Personality Inventory (TIPI). *Journal of Individual Differences, 37* (2), 81-87.

33 Vedel, A., Gøtzsche-Astrup, O., & Holm, P. (2019). The Danish IPIP-NEO-120: A free, validated five-factor measure of personality. *Nordic Psychology, 71* (1), 62-77.

34 Vollrath, M. E., Hampson, S. E., & Torgersen, S. (2016). Constructing a short form of the hierarchical personality inventory for children (HiPIC): the HiPIC?30. *Personality and Mental Health, 10* (2), 152-165.

35 Watson, D., Nus, E., & Wu, K. D. (2019). Development and validation of the Faceted Inventory of the Five-Factor Model (FI-FFM). *Assessment, 26* (1), 17-44.

36 Watt, D., Hopkinson, L., Costello, S., & Roodenburg, J. (2017). Initial validation and refinement of the Hierarchical Inventory of Personality for Children in the Australian context. *Australian Psychologist, 52* (1), 61-71.

ANEXO B

Carta Enviada aos Juízes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Prezada prof.ª dr.ª

Apraz-me cumprimentá-la, na oportunidade em que venho respeitosamente convidá-la a participar de pesquisa que estamos realizando. Faço parte do Laboratório de Mensuração da Universidade Federal do Rio grande do Sul sob orientação do professor Cláudio Simon Hutz,e no momento estamos trabalhando em um novo instrumento para mensuração da personalidade a partir do Modelo dos Cinco Grandes Fatores. Por sua reconhecida experiência tomamos a liberdade de convidá-la para ser membro do comitê de juízes, uma vez que buscamos, neste momento, Validade de Conteúdo para nosso instrumento.

Para que a senhora possa avaliar a possibilidade de sua participação, antecipamos que se trata de uma escala de autorrelato com 139 itens do fator Socialização e 136 itens do fator Extroversão, fatores do Modelo supracitado. Aguardamos retorno para que possamos lhe enviar o material e as instruções relativas ao processo de julgamento, uma vez que esperamos finalizar esta fase até o início do mês de setembro. Ficamos a disposição em caso de dúvidas.

Desde já agradecemos imensamente a atenção dispensada.

Ana Cláudia Araújo da Cruz
Psicóloga
CRP:07/24755
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Ramiro Barcelos, 2600. Bairro Santana. Cep 90035-003 - Porto Alegre - RS. Fone/: 3308-5246

ANEXO C



Instruções para Análise de Conteúdo

Esta avaliação busca verificar a adequação da representação comportamental dos atributos latentes referentes ao fator ***Abertura*** do *Five Factor Model*. A avaliação do instrumento envolverá duas etapas:

a. Avaliação dos itens

Nesta etapa pedimos para que avalie cada item separadamente, considerando sua compreensão verbal e fluência verbal, aqui denominada ***clareza***. Assim, seu julgamento deve considerar se os itens foram redigidos de forma compreensível e se expressam adequadamente o que se espera medir. É necessário, no entanto, ressaltar que o instrumento está sendo construído com intuito de alcançar também uma população com baixa instrução, o que significa que evitamos o uso de palavras de difícil entendimento para esse público, bem como de construções frasais que tornem a compreensão do item uma tarefa que demande de muitos recursos cognitivos.

Também solicitamos que cada item seja avaliado quanto a sua relevância e representatividade, aqui denominada ***pertinência***. Nesta avaliação buscamos saber se o item realmente reflete o conceito envolvido, se é relevante e, se é adequado dentro da faceta em que se encontra.

b. Avaliação dos domínios

Aqui será necessário avaliar se a estrutura das facetas e seu conteúdo estão corretos e se os itens de cada faceta são representativos. Ou seja, considere a ***abrangência*** do conjunto, avaliando se cada domínio foi adequadamente coberto pelos itens. Este fator conta com seis facetas, que por sua vez estão representadas por cerca de 24 itens cada. Durante essa fase, você poderá sugerir a inclusão ou exclusão de itens nas facetas, bem como sua alteração e opinar se os itens realmente pertencem ao domínio correspondente. Utilize para tal, o campo "observação". Além disso, embaixo de cada faceta, disponibilizamos um campo para comentários, caso necessário.

Para realizar a avaliação do conteúdo deste instrumento, descrevemos abaixo os conceitos envolvidos no estudo.

Fator Abertura

Este fator se refere aos comportamentos exploratórios e reconhecimento da importância de ter novas experiências. Indivíduos altos nessa dimensão são curiosos, imaginativos, criativos, divertem-se com novas ideias e valores não convencionais. Pessoas altas em Abertura experenciam uma ampla gama de emoções mais vividamente que pessoas com menores níveis. Pessoas que são baixas em Abertura tendem a ser convencionais em suas atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas nas suas crenças; tendem também a ser menos responsivas emocionalmente. Este fator já foi chamado de *Intelecto* por alguns pesquisadores, entretanto ele apresenta-se apenas modestamente associado a inteligência e educação, logo, não deve ser confundido com esses domínios. Composto por seis facetas:

1) ***Fantasia*** → Relacionada a uma imaginação vívida e uma vida fantasiosa ativa. Indivíduos que têm abertura à fantasia devaneiam não apenas como uma forma de escape, mas como uma maneira de criar para si mesmos um mundo interno interessante. Eles elaboram e desenvolvem suas fantasias e acreditam que a imaginação contribui para uma vida rica e criativa. Baixos escores são mais práticos e objetivos e preferem manter suas mentes em tarefas concretas.
2) ***Estética*** → Apreciam profunda harmonia e apresentam gosto pelas diversas formas de arte e de beleza. Altos escores nesta escala são movidos pela poesia, absorvidos pela música e intrigados pela arte. Não necessariamente possuem talentos artísticos e nem sempre são aqueles a quem as pessoas consideram de bom gosto. Mas para muitos deles, seu interesse nas artes os leva a desenvolver um conhecimento e uma apreciação mais amplos do que o indivíduo médio. Baixos escores são relativamente insensíveis e desinteressados em arte e beleza.
3) ***Sentimentos*** → Receptividade aos próprios sentimentos e emoções. Altos escores experenciam estados emocionais mais profundos e diferenciados, assim como sentem felicidade e infelicidade mais intensamente que outras pessoas. Baixos escores são um tanto embotados afetivamente e não acreditam que estados emocionais possuam importância.
4) ***Ações variadas*** → Disposição para atividades diferentes, conhecimento de novos lugares ou situações. Altos escores nesta escala evitam, sempre que podem, a rotina e preferem novidades e variedades à familiaridade e ao habitual. Com o tempo, podem se engajar em uma série de atividades diferentes. Escores baixos acham difícil mudar e preferem se manter com a segurança do já conhecido.

5) ***Ideias*** → A curiosidade intelectual é um aspecto de *Abertura* longamente reconhecido. Esse traço é visto não somente como uma busca ativa dos próprios interesses intelectuais, mas também uma abertura mental e uma disposição a considerar ideias novas e, talvez, até não convencionais. Altos escores apreciam tanto argumentos filosóficos quanto desafios mentais. Abertura a ideias não implica necessariamente em inteligência alta, apesar de que ela pode contribuir para o desenvolvimento de potencial intelectual. Baixos escores tem curiosidade limitada e, se altamente inteligentes, focam seus recursos estritamente em tópicos limitados.
6) ***Valores*** → Prontidão para reexaminar valores sociais, familiares, políticos e/ou religiosos. Indivíduos fechados tendem a aceitar a autoridade de honrar tradições e, como consequência, são geralmente conservadores, independente do partido político a que pertençam. Abertura a valores pode ser considerada o oposto do dogmatismo.

ANEXO D

Formulário para Avaliação dos Itens.

Facetas							
Item			**Ruim**	**Regular**	**Bom**	**Ótimo**	**Observação**
1	Item 1	Clareza					
		Pertinência					
2	Item 2	Clareza					
		Pertinência					
3	Item 3	Clareza					
		Pertinência					
4	Item 4	Clareza					
		Pertinência					
5	Item 5	Clareza					
		Pertinência					
6	Item 6	Clareza					
		Pertinência					
7	Item 7	Clareza					
		Pertinência					
8	Item 8	Clareza					
		Pertinência					
9	Item 9	Clareza					
		Pertinência					
10	Item 8	Clareza					
		Pertinência					

ANEXO E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Você está sendo convidado para participar como voluntário em uma pesquisa sobre aprimoramento de escalas para a avaliação da personalidade e suas correlações com construtos da Psicologia Positiva. Nós estaremos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas em relação à pesquisa durante a execução da mesma. Leia as informações abaixo antes de expressar ou não o seu consentimento para participar da pesquisa.

1. OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO:
Este projeto tem dois grandes objetivos: O primeiro é aprimorar a avaliação da personalidade feito através de escalas no Brasil. O segundo, é produzir um estudo detalhado das relações entre os diversos construtos da Psicologia Positiva (Satisfação com a vida, Afetos, Otimismo, Esperança, Autoestima, Autoeficácia e características de personalidade.) Sua participação é importante para que possamos validar os instrumentos de avaliação da personalidade.

2. EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS:
Neste estudo, você será solicitado a expressar o seu entendimento sobre sentenças (frases) de uma escala de personalidade. O objetivo é verificar se estas sentenças são entendidas facilmente e se estão escritas da melhor forma possível. Não será solicitado que você responda os itens, não tratando-se assim de uma avaliação, porém você irá responder um breve questionário com informações sócio demográficas. Sua participação é completamente voluntária e você tem o direito de interromper a participação a qualquer momento caso desejar.

3. POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS:
Os procedimentos envolvidos neste estudo têm riscos mínimos, ou seja, de desconforto físico ou ansiedade relacionada aos procedimentos de testagem.

4. DIREITO DE DESISTÊNCIA:
Você pode desistir a qualquer momento de participar do estudo, não havendo qualquer consequência por causa desta decisão.

5. CONCORDÂNCIA:
Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Nome: _____
Assinatura:_____

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Psicologia (UFRGS)
Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, UFRGS
Pesquisador responsável: Prof. Dr. Cláudio Hutz (UFRGS)
Rua Ramiro Barcelos, 2600; fone: 33085066 e ou 33085698
E-mail: cep-psico@ufrgs.br

ANEXO F

Questionário Sociodemográfico

Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Você está sendo convidado para participar como voluntário em uma pesquisa sobre aprimoramento de escalas para a avaliação da personalidade e suas correlações com construtos da Psicologia Positiva. Este é um questionário para conhecermos melhor você.

Nome: _____

Data de nascimento:_____

Com qual gênero você se identifica?
( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro (especifique)_____

Como você se identifica em relação à etnia?
( ) Branco (a) ( ) Pardo (a) ( ) Preto (a) ( ) Amarelo (a)
( ) Indígena ( ) Outro (especifique)_____

Cidade de nascimento:_____
Cidade onde mora:_____
Escolaridade:
( ) Ensino Fundamental Incompleto (série/ano_____)
( ) Ensino Fundamental Completo
( ) Ensino Médio Incompleto (série/ano_____)
( ) Ensino Médio Completo
( ) Ensino Superior Incompleto
( ) Ensino Superior Completo
( ) Outro: _____

Qual a sua renda ou seu salário mensal?

( ) Até 1 salário mínimo (até R$ 1.045*).
( ) De 1 a 2 salários mínimos (de R$ 1.045 até R$ 2.090,00*).
( ) De 2 a 5 salários mínimos (de R$ 2.091,00 até R$ 5.225,00*).
( ) Mais de 5 salários mínimos (mais de R$ 5.225,00*).
( ) Prefiro não declarar.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Psicologia (UFRGS)
Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, UFRGS
Pesquisador responsável: Prof. Dr. Cláudio Hutz (UFRGS)
Rua Ramiro Barcelos, 2600; fone: 33085066 e ou 33085698
E-mail: cep-psico@ufrgs.br

**Valores relativos ao ano de aplicação do questionário.*

ANEXO G

Parecer do comitê de ética

UFRGS - INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Pesquisador: Claudio Simon Hutz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80264617.3.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.584.044

Apresentação do Projeto:

Este projeto tem por objetivo aprimorar instrumentos de avaliação da Personalidade (BFP e EFN), rever suas estruturas fatoriais e atualizar normas brasileiras. O terceiro estudo investiga as relações entre características da personalidade e diversos construtos da Psicologia Positiva (autoestima, autoeficácia, satisfação com a vida, altruísmo, entre outros).

Objetivo da Pesquisa:

Este projeto tem dois grandes objetivos: O primeiro é aprimorar a avaliação da personalidade feito através de escalas no modelo dos Cinco Grandes Fatores no Brasil. O segundo, é produzir um estudo detalhado das relações entre os diversos construtos da Psicologia Positiva (Satisfação com a vida, Afetos, Otimismo, Esperança, Autoestima, Autoeficácia, entre outros que serão discutidos no corpo do projeto) e características de personalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

É uma pesquisa de risco mínimo. Pode haver algum desconforto ao responder aos itens dos instrumentos. Além destes riscos apontados no projeto, os pesquisadores inseriram no TCLE o seguinte: "Caso você sinta algum desconforto com o preenchimento dos instrumentos, deverá fazer uma pausa de alguns minutos, e retomar o preenchimento. Se o desconforto persistir, você

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br



deve interromper sua participação na pesquisa. Caso sinta necessidade, pode entrar em contato com o pesquisador-responsável, por e-mail ou telefone, para encaminhamento apropriado."

Benefícios:

Haverá duas novas escalas atualizadas e com boas evidências de validade para a avaliação da personalidade. Essas escalas estarão também com normas atualizadas e com itens alterados para serem mais facilmente entendidos por pessoas de baixa escolaridade. Isso será um benefício importante tanto para a realização de novas pesquisas como para a prática profissional. O terceiro estudo trará subsídios importantes para aumentar o conhecimento da área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As solicitações feitas no parecer anterior foram atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Após ajustes solicitados, os mesmos estão adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1005942.pdf	09/03/2018 18:18:52		Aceito
Outros	ParecerCOMPESQ.pdf	09/03/2018 18:18:05	Luciana Karine de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	09/03/2018 15:13:28	Luciana Karine de Souza	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto2.pdf	09/03/2018 15:12:51	Luciana Karine de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Neuroticismo.pdf	28/09/2017 16:21:05	Claudio Simon Hutz	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br



Não

PORTO ALEGRE, 05 de Abril de 2018

Assinado por:
Clarissa Marceli Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br